

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA POLÍTICA E BENS CULTURAIS -
PPHPBC
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

APRESENTADO POR

FÁBIO DA SILVA MACHADO

FAZENDA MACHADINHA: MEMÓRIA E TRADIÇÕES CULTURAIS EM UMA
COMUNIDADE DE DESCENDENTES DE ESCRAV

DULCE CHAVES PANDOLFI

ASSINATURA DO ORIENTADOR ACADÊMICO

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA POLÍTICA E BENS CULTURAIS -
PPHPBC
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

FAZENDA MACHADINHA: MEMÓRIA E TRADIÇÕES CULTURAIS EM UMA
COMUNIDADE DE DESCENDENTES DE ESCRAVOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADA POR
FÁBIO DA SILVA MACHADO

E

APROVADO EM 24 DE MARÇO DE 2006.

PELA BANCA EXAMINADORA

DULCE CHAVES PANDOLFI – (DOUTORA) – ORIENTADOR

ANGELA MARIA DE CASTRO GOMES – (DOUTORA)

HEBE MARIA MATTOS – (DOUTORA)

CARLOS EDUARDO BARBOSA SARMENTO –(DOUTOR)

Resumo

O objetivo do presente trabalho é estudar a memória, a identidade e as tradições culturais dos moradores da Fazenda Machadinha, uma comunidade localizada em Quissamã, no estado do Rio de Janeiro, formada por descendentes de escravos. A importância das tradições culturais na manutenção da identidade e na sustentabilidade econômica daquela comunidade quilombola é também analisada. Além da pesquisa em fontes primárias e do trabalho de campo, foram realizadas entrevistas com moradores da Fazenda Machadinha visando a constituição de um acervo de história oral.

A minha esposa, Márcia Machado, pelo carinho, compreensão, apoio, amizade, paciência e por nunca ter deixado que o cansaço e as dificuldades impedissem a realização de um sonho.

Agradecimentos

À Dulce Chaves Pandolfi, professora e orientadora, pelas críticas sempre construtivas e pelas relevantes sugestões feitas na elaboração da dissertação.

Aos professores, em especial à professora Ângela de Castro Gomes, pelo apoio no período de elaboração do projeto.

Agradeço à professora Hebe Maria Mattos por aceitar participar deste projeto.

Ao CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, pela oportunidade da realização do curso.

Ao SESC – Serviço Social do Comércio, em especial ao Hélio Ferreira, por ter contribuído para esta pesquisa com valiosas informações.

Aos colegas do Mestrado, principalmente à Sheila Sá, Rita Barreto, Nilcemar Nogueira, Helena Giolito, Líliam Amorim, Carina Costa, Regina Oliveira e ao Alexandre Carvalho, pelos momentos alegres e difíceis que nos tornaram amigos. Espero que nosso contato permaneça mesmo com o final do curso.

Aos meus pais, por terem sempre me mostrado que, com dedicação, perseverança, respeito e força de vontade, podemos alcançar nossas metas.

Ao meu irmão, pela amizade e força.

Ao Celso, amigo de Quissamã, pela hospitalidade e ajuda nos momentos em que estive efetuando o trabalho de campo.

Agradeço especialmente aos moradores da Fazenda Machadinha, com destaque para o senhor Carlos do Patrocínio e sua esposa, dona Gerusa, pelo apoio constante durante as minhas visitas à comunidade.

A Darlene dos Santos Monteiro, pela colaboração durante o desenvolvimento deste trabalho.

A minha esposa, Márcia Machado, pelo incentivo constante e pelo companheirismo.

Por fim, a Deus, pela força suprema.

Lista de Siglas

| | |
|--------|---|
| ABA | Associação Brasileira de Antropologia |
| CPDOC | Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil |
| INEPAC | Instituto Estadual do Patrimônio Cultural |
| IPHAN | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| LABHOI | Laboratório de História Oral e Imagem |
| ONG | Organização não governamental |
| PUC | Pontifícia Universidade Católica |
| SPHAN | Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| SESC | Serviço Social do Comércio |
| UFF | Universidade Federal Fluminense |

Lista de Anexos

- 1 Cópia do documento do senhor Mário de Azevedo, datado de 1884, com a relação dos escravos da Fazenda Machadinha.
- 2 Entrevista do senhor Carlos do Patrocínio
- 3 Entrevista do senhor Erotilde Azevedo

Índice

| | |
|--|---------------|
| Introdução | 11 |
| Capítulo 1 - O município de Quissamã e a Fazenda Machadinha | 16 |
| 1.1 - Histórico de Quissamã | 16 |
| 1.2 - Histórico da Fazenda Machadinha | 22 |
| 1.3 - A Fazenda Machadinha hoje: seus moradores e seu modo de viver | 24 |
| 1.4 - A participação da prefeitura nos projetos de desenvolvimento local | 33 |
| Capítulo 2 - Os personagens e as entrevistas | 37 |
| 2.1 – Os personagens | 37 |
| 2.1.1 - Carlos do Patrocínio | 38 |
| 2.1.2 - Levina Cândida Rodrigues | 39 |
| 2.1.3 - Erotilde Azevedo | 40 |
| 2.1.4 – Mário de Azevedo | 42 |
| 2.1.5 – Guilhermina Rodrigues Azevedo | 43 |
| 2.1.6 – Maria da Natividade Rodrigues Ribeiro | 44 |
| 2.1.7 – Jorgina Peçanha Ferreira | 46 |
| 2.1.8 – Moacir Azevedo | 47 |
| 2.1.9 – Darlene dos Santos Monteiro | 49 |
| 2.2 – As entrevistas | 50 |
| Capítulo 3 – As falas: a busca da identidade e o despertar cultural | 56 |
| 3.1 – Recordações do período da escravidão na Fazenda Machadinha | 57 |
| 3.2 – Os primeiros contatos com a cultura local | 62 |
| 3.3- O trabalho de desenvolvimento da cultura | 63 |

| | |
|--|---------------|
| Capítulo 4 – As manifestações culturais | 68 |
| 4.1 – A culinária | 68 |
| 4.2 – O fado | 70 |
| 4.3 – O boi malhadinho | 75 |
| 4.4 – O jongo | 77 |
| 4.5 – A preservação das tradições | 80 |
| Bibliografia | 82 |
| Anexos | 87 |

INTRODUÇÃO

Após alguns anos trabalhando em administração de empresas, área em que me graduei em 1995, e com todos os estudos encaminhados nessa direção, senti necessidade de envolver-me com novos temas, sem afastar-me completamente da administração. Em 2003 fui trabalhar no SESC – Serviço Social do Comércio, uma instituição criada em 1946 por lideranças empresariais do comércio, com a finalidade de encontrar soluções para os problemas sociais que enfrentavam na época. Presente atualmente em todas as capitais do país e em inúmeras cidades de pequeno e médio porte, o SESC, em muitas delas, é a única alternativa da população para serviços de educação, saúde, cultura, lazer e assistência. Assim que ingressei no SESC, participei de um curso interno sobre Projetos Sociais e percebi que essa era uma área que poderia suprir a minha vontade de conhecer o novo sem abrir mão de conhecimentos passados.

Poucos meses depois, para minha feliz surpresa, fiquei sabendo que o CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas estava iniciando um curso de mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais, cuja proposta vinha ao encontro de meus objetivos, tanto acadêmicos como profissionais. Ou seja, eu poderia me envolver com um projeto acadêmico que tivesse relação com os trabalhos que o SESC desenvolve.

Ao ingressar no mestrado, tomei conhecimento que em Quissamã, município localizado no estado do Rio de Janeiro, existia uma comunidade chamada Fazenda Machadinha, formada por descendentes de escravos. Este fato despertou meu interesse em conhecer a fazenda, principalmente pela possibilidade de retornar a Quissamã, uma região que já conhecia desde 1985 quando visitei parentes de um amigo ali nascido. Naquela ocasião, Quissamã ainda era distrito de Macaé.

Ao chegar pela primeira vez na Fazenda Machadinha, fiquei muito sensibilizado. Observei uma série de fatos que me fizeram imaginar como deveria ter sido a vida naquele lugar, na época da escravidão. A distância entre a Fazenda e o centro do município, a falta de recursos, a estrada de barro impedindo o acesso em dias de chuva e, sobretudo, a existência de habitações no formato de senzalas foram alguns dos fatores que estimularam a minha imaginação. Fiquei pensando nas dificuldades enfrentadas no passado pois, a despeito de um certo “progresso”, resultante de um distanciamento de mais de 100 anos dos tempos da escravidão, o estado atual da Fazenda ainda era bastante precário. Aos poucos a imaginação foi criando imagens sobre a fase escravista no Brasil. Sem dúvida, foi aquele um período importante na formação do país, que deixou marcas profundas, entre outras coisas, na nossa formação cultural. Muitas das tradições trazidas pelos negros que desembarcaram no Brasil ao longo de vários séculos serviram de base para criação de parte da cultura brasileira, sobretudo na culinária, nas reuniões festivas, nas crenças religiosas, essas marcas foram muito fortes. Sabemos também que, mesmo com o fim da escravidão, muitos grupos de descendentes de escravos tentaram preservar determinadas tradições do período escravista. Esse me parecia ser o caso dos moradores da Fazenda Machadinha.

Interessado em conhecer melhor aquela realidade, procurei informações e percebi que poucos eram os estudos sobre a Fazenda Machadinha. No entanto, tive uma agradável surpresa ao saber que o SESC, juntamente com a ONG Brasil Mestiço, havia incluído a Fazenda Machadinha no projeto intitulado Tempo Livre¹, cujo objetivo é identificar comunidades no estado do Rio de Janeiro que possuem atividades culturais que possam ser transformadas em alternativa de sustentabilidade local.

¹ Atualmente em curso em 25 municípios, o projeto Tempo Livre trabalha com cultura popular, dança, teatro e música, e já lançou um CD, com o selo do SESC, do jongo da comunidade quilombola de São José da Serra, localizada no município de Valença, no estado do Rio de Janeiro. A idéia do projeto é estimular a comunidade para realizar suas próprias ações, ou seja: é “saber o que é preciso fazer para que o povo faça”, criando alguma fórmula para que as pessoas possam gerir as próprias vidas, fazendo com que a comunidade não dependa sempre de alguém. É ajudar no sentido de que elas tenham a consciência que o trabalho cultural que realizam é um bem patrimonial imaterial com perspectivas futuras de sustentabilidade.

Diante de tudo isso, decidi, então, fazer minha dissertação de mestrado sobre a Fazenda Machadinha. No entanto, o meu objetivo não era fazer um estudo apenas sobre a história da escravidão naquela comunidade, mas sobre a memória, a identidade e as tradições culturais dos descendentes de escravos que hoje habitam as suas antigas senzalas. Qual a importância que as tradições culturais tinham na manutenção da identidade e na sustentabilidade econômica da comunidade? De que maneira essas tradições culturais eram preservadas e como elas eram transmitidas? Qual o peso do passado escravista na construção da identidade do grupo? Quem eram e como viviam aquelas pessoas? Quais as lembranças que tinham da escravidão? Responder essas indagações e entender essas questões passou a ser a minha preocupação central.

Para realizar minha dissertação realizei levantamento de dados em fontes disponíveis como jornais e revistas; fiz um trabalho de campo como observador participante, visitando com frequência a Fazenda Machadinha e registrando minhas observações em um caderno de campo; e, finalmente, fiz uso da metodologia da história oral, privilegiando os moradores mais antigos da comunidade.

É importante dizer que as entrevistas realizadas para a execução deste trabalho serão doadas para um Centro Cultural que será instalado no município de Quissamã, sob responsabilidade da prefeitura, em um sobrado desapropriado que será restaurado. Dessa forma, uma das contribuições desse trabalho é dar início a construção de um acervo de história oral sobre a Fazenda Machadinha. Nesse sentido, “a intenção de constituí-lo é a também intenção de inaugurar um tipo de trabalho que se estenderá por muitos anos, sem previsão de término”.²

Segundo Verena Alberti, um programa de história oral “se caracteriza por desenvolver um projeto de pesquisa fundamentado na produção de entrevistas como fonte privilegiada e,

² ALBERTI, Verena. “História oral: a experiência do CPDOC”. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1989, pág. 21.

simultaneamente, constituir um acervo de depoimentos para a consulta do público”.³ A intenção é que esse trabalho tenha continuidade. Por meio de novas entrevistas será possível construir um acervo significativo sobre os descendentes de escravos da Fazenda Machadinho. Cabe ressaltar que experiências semelhantes estão sendo implantadas em outras instituições. A UFF - Universidade Federal Fluminense, por exemplo, possui um Laboratório de História Oral e Imagem – LABHOI com quatro linhas de pesquisa, dentre elas Memória e Escravidão, tendo um grupo de pessoas formado por professores e alunos que abordam “como a experiência da escravidão e a sua apropriação como objeto de memória no Brasil têm-se relacionado com os processos históricos concretos de redefinição de identidades e de construção de fronteiras étnicas, desde o período colonial”.⁴

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, faço um histórico do município de Quissamã, apresento dados sobre a população, a localização do município, o desenvolvimento econômico da região e discuto alguns aspectos sobre o período da escravidão no local. Ainda nesse capítulo, faço um histórico da Fazenda Machadinho, descrevo sua situação atual, as condições de vida da população, alguns aspectos culturais e a participação da prefeitura no desenvolvimento da região. É importante frisar que, principalmente neste capítulo, o livro Quissamã, organizado por Maria Emília Prado Marchiori, foi de grande importância na pesquisa por ser uma fonte com várias informações sobre o passado do município. O exemplar que utilizei me foi cedido por uma funcionária da prefeitura, quando lá estive a procura de informações sobre a Fazenda Machadinho e sobre o município de Quissamã. O livro me foi “apresentado” como a melhor fonte de informações dos assuntos que estava pesquisando.

³ ALBERTI. 1989, pág. 11.

⁴ Fonte: <http://www.historia.uff.br/labhoi>.

No segundo capítulo, apresento ao leitor os meus depoentes. Faço uma breve biografia sobre cada personagem, comento cada entrevista e as dificuldades encontradas para obter os depoimentos.

No terceiro capítulo trabalho com as falas dos depoentes. O capítulo se inicia com uma abordagem sobre a cultural local, os primeiros contatos que tive com a dança do fado e com o trabalho de desenvolvimento cultural. Ao relatar o período da escravidão, os depoentes divergem sobre aspectos importantes, sobretudo, sobre o relacionamento entre o senhor e os escravos. Alguns buscam apagar da memória o passado escravocrata. Finalmente, ainda nesse capítulo, abordo brevemente o processo da abolição da escravidão em Quissamã.

No quarto e último capítulo são analisadas as principais manifestações culturais da Fazenda Machadinha. Uma das mais importantes é a culinária, que contou com a participação de pessoas de fora da comunidade por meio do projeto denominado Raízes do Sabor. Outras manifestações culturais analisadas são a dança do fado, a dança do jongo ou do tambor e, com menor expressão, o boi malhadinho.

Ao longo dos capítulos reproduzo fotos da Fazenda Machadinha e de alguns dos meus depoentes. Essas fotos foram tiradas por mim durante a pesquisa de campo e, como as entrevistas, também serão, doadas para o Centro Cultural que será criado em Quissamã.

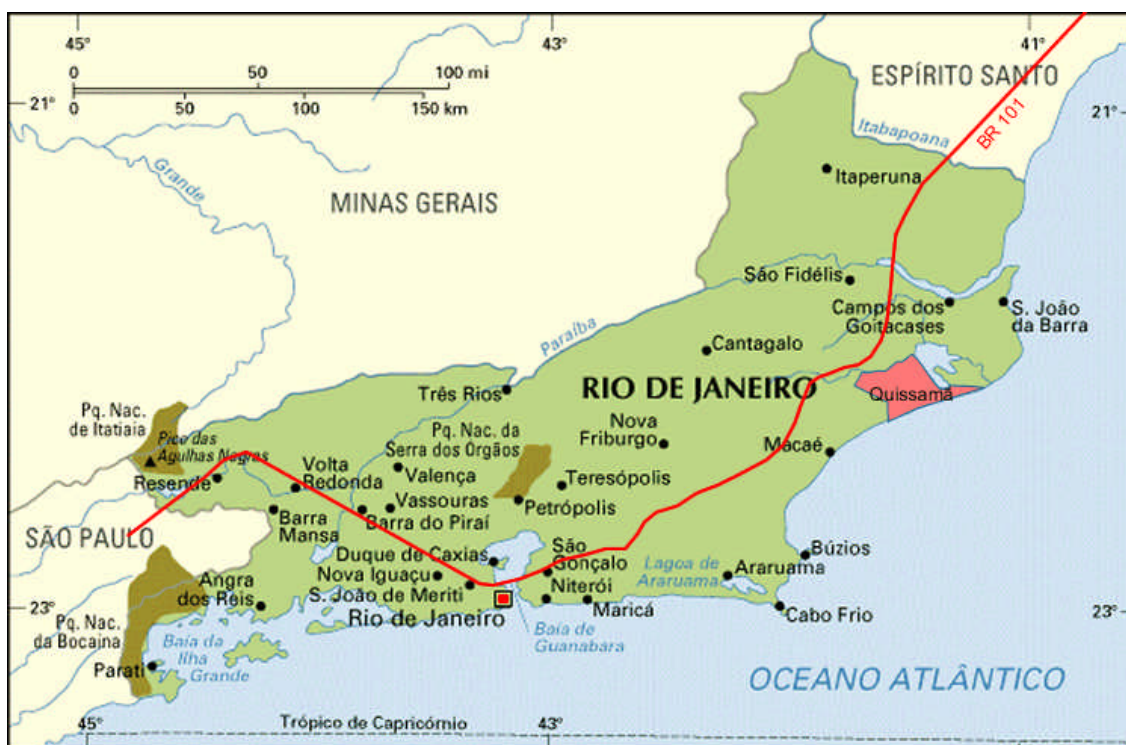
No final do trabalho, como anexo, vou transcrever as entrevistas do senhor Carlos do Patrocínio e do senhor Erolde Azevedo, selecionadas por mim, por serem as mais significativas. Os dois depoentes são as pessoas indicadas aos visitantes da Fazenda Machadinha que buscam informações sobre a comunidade, transformando-os em referência local.

CAPÍTULO 1

O MUNICÍPIO DE QUISSAMÃ E A FAZENDA MACHADINHA

1.1 - Histórico de Quissamã

Quissamã está localizado na região norte do estado do Rio de Janeiro. Além dele, o norte fluminense é formado pelos municípios de Campos dos Goytacazes, Carapebus, Cardoso Moreira, Conceição de Macabu, Macaé, São Fidélis, São Francisco de Itabapoana e São João da Barra. A área total do município de Quissamã é de 724,3 km², correspondente a 7,4% da área da região norte fluminense⁵.



Fonte: www.quissama.rj.gov.br/município/mapa.html

Mapa de localização do Município de Quissamã no estado do Rio de Janeiro

⁵ Dados obtidos no Estudo Sócio Econômico 1997-2001 Quissamã. Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro. Secretaria Geral de Planejamento (2002).

Quissamã está 250 km distante da capital do estado. Segundo o Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável do município, a população foi recenseada em 2004 e totalizou 14.984 habitantes, dos quais 7.477, ou seja 49,9%, eram mulheres⁶.

Conforme relatado no livro Quissamã, a história do município iniciou-se quando, em 1627, sete capitães, proprietários de engenhos no Rio de Janeiro, requereram ao então governador Martim de Sá as terras localizadas na extensão do rio Macaé até o rio Iguaçu⁷. A área pertencia à Capitania de São Tomé, conhecida também pelo nome de Campos dos Goytacazes. O pedido dos sete capitães foi feito a título de reconhecimento pelos serviços que haviam prestado à Coroa Portuguesa na luta pela expulsão dos franceses do litoral do Rio de Janeiro. Pretendiam criar gado no local, e o pedido feito ao governador foi atendido. Em 1632, os capitães fizeram uma viagem para conhecer a região e encontraram índios convivendo com autoridades locais e colaborando na defesa da terra, que, naquele momento, encontrava-se ameaçada pela pirataria holandesa. Em outra viagem realizada em 1634, os capitães encontraram um negro entre os índios. Indagaram-lhes quem era e como foi parar naquele local, tendo apenas como resposta que o negro era forro e era da nação de Quissamã. Desconfiado pelas perguntas que lhe foram dirigidas, fugiu e não foi mais visto. Os capitães acharam tratar-se de um negro desertado e deram ao local o nome de Quissamã⁸.

A primeira atividade econômica de Quissamã foi a criação de gado, cujo objetivo era abastecer de carne a cidade do Rio de Janeiro. Por volta de 1750, a cana-de-açúcar foi introduzida em Campos dos Goytacazes e passou a ser a principal atividade econômica da região. Em 1779, foi erguida em Quissamã a casa Mato de Pipa, que representa um

⁶ Dados obtidos no Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável, Quissamã, RJ. Relatório de pré-diagnóstico. Agosto de 2005.

⁷ MARCHIORI, Maria Emília Prado... [et al.] "Quissamã". Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987. Os sete capitães eram Miguel Aires de Maldonado, Miguel da Silva Riscado, Antônio Pinto Pereira, João de Castilho, Gonçalo Correa de Sá, Manuel Correa e Duarte Correa.

⁸ Quissamã é uma palavra de origem angolana que significa "fruto da terra que está entre o rio e o mar" e dá nome à cidade que fica a 80 Km de Luanda, na foz do Rio Kwanza. Fonte: site da prefeitura de Quissamã: http://www.quissama.rj.gov.br/municipio/mais_historia.html.

importante marco na história local, por ser considerada a casa-mãe da futura classe senhorial de Quissamã⁹. Nela nasceu José Carneiro da Silva, o Visconde de Araruama, considerado “o mais importante proprietário rural de sua época”¹⁰, e seus descendentes tornaram-se proprietários de importantes solares como Machadinha, Mandiquera, Quissamã e demais fazendas históricas do município.

Pouco tempo depois, em 1798, João Carneiro da Silva, irmão do Visconde de Araruama, inaugurou um engenho de açúcar próximo à antiga sede da Fazenda Machadinha. Seus descendentes fundaram outros seis engenhos estimulados pelo desempenho da cultura da cana.

Alguns membros da família Araruama exerceram cargos políticos no cenário regional, porém João Almeida Pereira Filho, genro do Visconde de Araruama, foi o único representante da família que conseguiu prestígio na política nacional, chegando a ocupar o cargo de ministro de estado dos Negócios do Império. Assim como o sogro, era contra a abolição da escravidão, defendendo interesses dos fazendeiros de Quissamã.

“... foi em relação à campanha abolicionista que sua posição de conservador convicto e defensor dos interesses dos fazendeiros fluminenses fica mais transparente. Em discurso proferido na Câmara dos Deputados, em julho de 1858, em que se manifesta ‘representante de imensos interesses agrícolas’, já se mostra um severo crítico da libertação dos escravos, pronunciando-se contra a interferência britânica nos negócios brasileiros.”¹¹

⁹ A casa Mato de Pipa foi a primeira casa de telhas construída na região, e tem esse nome em virtude de existir, no local, uma árvore chamada arco-de-pipa.

¹⁰ MARTINS, Ismênia de Lima. “Parecer sobre o Valor Histórico das Fazendas de Quissamã e Machadinha”, 2003, pág. 26.

¹¹ MARIANI, Alayde Wanderley. “Quissamã, história e sociedade”. In: MARCHIORI, Maria Emília Prado... [et al.] “Quissamã”. Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987, pág. 43.

Em 1867, a população de Quissamã era formada por 1.196 pessoas livres e 1.681 escravos.¹² Conforme relatado pela arquiteta e antropóloga Dinah Guimaraens no livro Quissamã, houve aumento na importação de escravos para a região dos Goytacazes a partir de 1796 pela necessidade de mão-de-obra para a plantação de cana-de-açúcar, passando a região a receber navios negreiros após 1820. “A compra mais acentuada de escravos para essa região canavieira fez com que, após 1820, vários traficantes portugueses transferissem suas atividades para os portos do Norte fluminense, que passaram então a receber navios negreiros da África.”¹³

Em 1871, quando a Lei do Ventre Livre estava sendo implantada, João Almeida Pereira Filho, o genro do Visconde de Araruama, posicionou-se contra qualquer mudança, considerando a escravidão uma instituição de direito e o escravo “uma propriedade e um instrumento de trabalho”. Enquanto era fundada em Campos a primeira Sociedade Emancipadora¹⁴, fazendeiros da região fluminense criaram o Clube da Lavoura e do Comércio, com a finalidade de reunir plantadores que eram contra o fim imediato da escravidão. Quissamã era representado no Clube por José Caetano Carneiro da Silva, Visconde de Quissamã. No entanto, com o crescimento do movimento abolicionista João Almeida foi derrotado.

Segundo o inventário apresentado pelo Visconde de Araruama em 1864, 248 escravos trabalhavam em sua fazenda denominada Quissamã. Desses, 118 trabalhavam na roça; outros exerciam funções de sapateiros, ferreiros, pedreiros, marceneiros etc, além dos que trabalhavam nas atividades domésticas como pajens, mucamas e cocheiros.

¹² GUIMARAENS, Dinah. “O maquetista Francisquinho: memória cultural e estética popular. Senzalas e casas-grandes em Quissamã; habitações de palha e de barro”. In: MARCHIORI, Maria Emília Prado... [et al.] “Quissamã”. Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987, pág. 117.

¹³ GUIMARAENS. In Marchiori, 1987, pág. 117.

Matéria do jornal O Globo – Praias fluminenses estavam na rota do tráfico clandestino de escravos, publicada em 31/01/2005 menciona que Rio das Ostras era o principal porto de entrada de negros no século XVIII.

¹⁴ A Sociedade Campista Emancipadora propagava a luta pela emancipação dos negros. Fonte: <http://geocities.com/camposdosgoytacazes/historico.htm>

No início de 1860, embora os produtores de açúcar fossem menos numerosos do que os de café, aqueles tinham maior prestígio. Em 1876, a atividade cafeeira já havia praticamente desaparecido na região. Em 1877, com a inauguração do Engenho Central de Quissamã, os pequenos engenhos foram desativados. Os antigos fazendeiros de açúcar tornaram-se fornecedores ou acionistas do Engenho Central de Quissamã, e muitos dos antigos fazendeiros do café tornaram-se lavradores, passando a trabalhar como empregados do Engenho Central.

Com o crescimento da economia do açúcar, a região prosperou. Segundo descreveu a socióloga Alayde Wanderley Mariani,

“Casas comerciais, hospedarias, manufaturas e escolas foram fundadas, na medida em que crescia o vulto dos negócios em torno do açúcar, a demanda por serviços e as necessidades de consumo da elite local. Observa-se na década de 60 uma certa diversificação nas ocupações urbanas: juiz de paz, subdelegado, escrivão, fiscal, vigário, inspetor paroquial, professor público, médico, dono de hospedaria, sapateiro, ferreiro, seleiro, carpinteiro, torneiro, engenheiro maquinista, agente de correio, professor de música. Na década seguinte já existiam um telégrafo, uma tipografia e pequenas fábricas de goiaba.”¹⁵

Os produtos de Quissamã, inicialmente, eram transportados até Macaé por carro de boi, seguindo pelo mar até o Rio de Janeiro. Para melhorar a circulação das mercadorias e ao mesmo tempo sanear a região pantanosa de Quissamã, infestada de mosquitos propagadores da febre palustre, foi construído o canal Campos-Macaé, o segundo maior do mundo¹⁶. A obra foi iniciada em 1843 sob responsabilidade do Visconde de Araruama e o canal foi inaugurado

¹⁵ MARIANI. In Marchiori, 1987, pág. 32.

¹⁶ Conforme reportagem da revista *Veja Rio* (18 a 24 de abril de 2005).

em 1861. Pouco tempo depois, com a construção da estrada de ferro que ligava Macaé a Campos, a importância do canal Campos-Macaé como meio de comunicação entre as localidades da região ficou reduzida. Também foi construída uma estrada de ferro ligando o Engenho Central de Quissamã até a Estação de Santa Fé, que mais tarde passou a se chamar Conde de Araruama, atualmente abandonada.

A partir de 1929, o quadro econômico de Quissamã mudou. Se antes apresentava-se em ritmo de desenvolvimento, a crise ocorrida nesse ano trouxe problemas financeiros para alguns fazendeiros, que acabaram se endividando e perdendo suas propriedades para o Engenho Central de Quissamã, fazendo com que o Engenho monopolizasse a economia da região.

“O esgotamento das terras, os preços declinantes no mercado açucareiro, as repercussões da abolição, as dificuldades financeiras, a manutenção de hábitos e costumes santuários projetaram a elite local numa crise que se arrastou por várias décadas, criando a impossibilidade de manutenção dos imóveis e de sua propriedade.”¹⁷

Quissamã conviveu com um período de estagnação econômica. Somente em 1989, com a emancipação do município, quando deixou de pertencer ao município de Macaé, o desenvolvimento voltou a acontecer, tendo como principal receita os royalties do petróleo.

Para comemorar os cem anos do Engenho Central de Quissamã, a Casa da Moeda, em 1977, confeccionou uma moeda comemorativa. Conforme matéria publicada no jornal O Globo¹⁸, o engenho será transformado no primeiro Museu do Açúcar e do Alcool da América Latina. A mesma reportagem informa que será instalada em Quissamã uma moderna usina do

¹⁷ MARTINS, 2003, pág. 18.

¹⁸ Fonte: jornal O Globo, 09/08/2005.

grupo pernambucano Jpessoa¹⁹. Com investimento estimado em R\$ 80 milhões, a usina começará a funcionar em 2007, abrirá 250 empregos na área industrial e 2.500 vagas na lavoura. O grupo Jpessoa também controla a usina Santa Cruz, instalada em Campos dos Goytacazes.

1.2 – Histórico da Fazenda Machadinha

Localizada em Quissamã, a Fazenda Machadinha está distante aproximadamente 10 km do centro do município. Seus moradores são descendentes de escravos que permaneceram no local após o período de escravidão.

As terras da Fazenda Machadinha foram adquiridas em meados do século XVIII por João Carneiro da Silva, contratador de diamantes da coroa portuguesa, que também adquiriu as terras da Fazenda do Melo e do Sítio Mato de Pipa. Após sua morte, seu filho, Manoel Carneiro da Silva tornou-se proprietário das terras e construiu um pequeno engenho de açúcar. Com o falecimento de Manoel Carneiro, a fazenda passou a ser dirigida pelo seu filho, João Carneiro, sob a tutela de seu tio, Brigadeiro José Caetano Barcelos Coutinho. Em 1798, foi inaugurado um novo engenho, demolido e reconstruído em 1803. Em 1808, João Carneiro construiu a primeira casa de moradia da Fazenda Machadinha, e em 1833, foi construída a capela. Devido à morte de João Carneiro em 1851, a fazenda foi herdada pelo seu sobrinho, Manoel Carneiro da Silva, filho do Visconde de Araruama, que tornar-se-ia Visconde de Ururai. Em 1854, Visconde de Ururai casou-se com a filha de Duque de Caxias, Ana do Loreto Viana de Lima e Silva. Em 1863, o Visconde de Ururai mandou construir a Casa Grande ou solar, sendo inaugurado somente em 1867.

¹⁹ O grupo Jpessoa (José Pessoa) possui oito unidades produtivas de açúcar e álcool distribuídas nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Sergipe, com aproximadamente 10.000 funcionários. Fonte: <http://www.jpessoa.com.br>

Segundo alguns depoentes, Duque de Caxias visitava a Fazenda Machadinha sempre que podia para estar com sua filha e tinha, no local, um cavalo para seus passeios. Esse fato foi confirmado pelo único neto de Duque de Caxias, José de Lima Carneiro:

“Quando meu avô veio do Paraguai descansou em Quissamã, hoje Fazenda Machadinha. Trouxe da guerra três velhos cavalos, que eram suas montadas preferidas e cuidadas pelo sargento Liberato, seu fiel bagageiro. Chamavam-se Moleque, Douradilho e Aedo. O Aedo meu avô presenteou ao Marques da Gávea, seu primo irmão. O Moleque morreu e foi enterrado na fazenda. Morreu por causa de um colono da fazenda que zeloso para preparar para o passeio matinal a montada predileta do meu avô, deu-lhe um banho de querosene. O Douradilho ficou sendo então a montada predileta do meu avô.”²⁰

O primeiro engenho de Quissamã, construído na Fazenda Machadinha, era movido a tração animal ou por escravos. O engenho da fazenda foi desativado em 1877 em virtude da instalação do Engenho Central de Quissamã, do qual o Visconde de Ururai foi um dos fundadores. No livro Quissamã é apresentada uma cronologia sobre as restaurações e intervenções em Machadinha²¹.

²⁰ Fonte: <http://www.militar.com.br/historia/militarterrestre/2003/celbento/duquedecaxiasvistoneto.htm>

²¹ Os dados foram obtidos em: CALVENTE, Eurico Antônio. “O acervo arquitetônico das fazendas de Quissamã”. In: MARCHIORI, Maria Emília Prado... [et al.] “Quissamã”. Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987, pág.74.

1750 a 1789 – Construção de pequeno engenho pelo Capitão Manoel Carneiro;

1796 – Início da construção de um novo engenho pelo Brigadeiro José Caetano de Barcelos Coutinho;

1803 – João Carneiro da Silva derruba o engenho e constrói um novo;

1808 – Em fevereiro, João Caetano inicia a construção da primeira casa da fazenda, terminando a obra em dezembro do mesmo ano;

1833 – Construção da capela da fazenda;

1863 – Início da construção do solar;

1867 – Inauguração do solar em 24 de junho anexada à antiga residência, que passou a servir como parte de serviço;

1877 – O engenho da fazenda é desativado;

1925 – Construção do banheiro junto à passagem da casa de serviço;

1940 – Desabamento da cozinha, passando essa a funcionar no puxado junto ao corredor de passagem.

Com o falecimento do Visconde de Ururai em 1917, a fazenda passou a ser propriedade de sua filha, Ana Francisca de Queiros Matoso, que a manteve até sua morte em 1924. Seus filhos, Euzébio e Luiz, venderam as terras da fazenda para o Engenho Central de Quissamã em 1936, passando a casa a ser propriedade da Usina em 1948. Em 1970, foi fechada definitivamente, após ser usada por algum tempo pelo administrador da Usina.

1.3 – A Fazenda Machadinha hoje: seus moradores e seu modo de viver

A professora Ismênia de Lima Martins definiu a comunidade da Fazenda Machadinha da seguinte maneira:

“Constituem a comunidade de Machadinha mais de duzentos indivíduos que são os autênticos representantes e mantenedores das tradições populares locais. A música e a dança do ‘fado’ e do ‘tambor’ são expressões culturais cultivadas pelo grupo, sedimentando sua identidade e prestígio no município, no qual se apresenta em várias ocasiões festivas. Além disso, a população das antigas senzalas mantém viva, de forma pujante, a memória da Fazenda de Machadinha...”²²

Atualmente, a Fazenda Machadinha pertence à prefeitura de Quissamã. Além da Fazenda Machadinha, alguns dos descendentes de escravos moram no sítio Santa Luzia, originado após uma doação feita pelos antigos proprietários do Engenho Central de Quissamã a um casal de ex-escravos. Outros moram na localidade chamada Bacurau. Esses locais ficam a poucos metros da Fazenda Machadinha e seus moradores participam das atividades realizadas na Fazenda.

²² MARTINS, 2003, pág. 22.



Bloco de senzalas da Fazenda Machadinha

O complexo da Fazenda Machadinha, formado por antigas senzalas, pela Casa Grande, que está em ruínas, e pela capela de Nossa Senhora do Patrocínio, foi tombado pelo INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural). Segundo o arquiteto e antropólogo Lauro Cavalcanti,

“Em 1977 é efetuado levantamento da sede da Fazenda de Machadinha por equipe conjunta da SPHAN e do INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural). O solar, de propriedade da Companhia Engenho Central de Quissamã, abandonado desde o ano de 1970, foi considerado exemplar de notável mérito arquitetônico, com estado físico médio, passível de recuperação. Foram, então, propostas sua preservação por tombamento, restauração e ocupação física. Destas sugestões, apenas foi concretizado o tombamento, em

decreto do Patrimônio Estadual de 8 de fevereiro de 1979. A casa continuou abandonada e seu estado físico se deteriora a cada dia, estando em 1986 em sério risco de destruição total....”²³

É interessante verificar que na Fazenda Machadinha, enquanto a Casa Grande encontra-se em ruínas, abandonada, esperando o início das obras para sua recuperação, as senzalas sobrevivem com moradores que não pretendem deixá-las. Sobrevive o local onde os escravos moraram, mas encontra-se em deterioração a Casa Grande, onde residiam os senhores.



Casa Grande da Fazenda Machadinha

²³ CAVALCANTI, Lauro. “Tradição e modernidade: identidade cultural da freguesia de Quissamã”. In: MARCHIORI, Maria Emília Prado... [et al.] “Quissamã”. Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987, págs. 190, 191.

Atualmente as terras da fazenda são utilizadas para a plantação de cana-de-açúcar. Pode-ser ver o início da plantação, mas não se consegue ver o fim, em virtude de sua grande extensão. A Casa Grande está localizada em um ponto mais alto do terreno. Segundo informações, esse posicionamento foi proposital para que o senhor pudesse ver os escravos trabalhando no canavial. “Se o engenho era domínio do seu proprietário, a casa grande representava o fulcro desse domínio. Situava-se ela geralmente numa colina, permitindo a visualização das terras e o controle das atividades agrícolas e fabris da produção do açúcar.”²⁴ A posição das senzalas também servia de proteção para a Casa Grande. Em caso de invasão do terreno ou ataque de algum animal, o primeiro contato seria com os escravos.

Na Fazenda Machadinha atualmente existe um campo de futebol, uma praça construída pela prefeitura, uma escola para o ensino fundamental e um posto de saúde com a presença de um médico quatro dias por semana. Nos casos de doenças de maior gravidade, os moradores são atendidos no Hospital Municipal de Quissamã, localizado no centro do município.

Alguns animais, como o marreco, o juriti, o papagaio, o tatu, o jacaré, o porco-espinho e o macaco, serviam e ainda servem de alimento aos moradores da Fazenda Machadinha, conforme relato dos próprios.

As principais datas comemoradas na Fazenda Machadinha são os dias de Santo Antônio (13 de junho), Nossa Senhora do Patrocínio (8 de novembro), São Sebastião (20 de janeiro) e Santa Luzia (13 de dezembro).

A informação mais precisa que eu obtive sobre o número de moradores da Fazenda Machadinha foi de Darlene dos Santos Monteiro, uma das pessoas por mim entrevistadas, que muito colaborou com este trabalho. Segundo ela, o último levantamento feito apontou 186

²⁴ GUIMARAENS. In Marchiori, 1987, pág. 117.

peessoas, incluindo crianças. Alguns depoentes também disseram que muitos ex-moradores e filhos de moradores do local estão voltando para a Fazenda Machadinha em virtude do trabalho de valorização cultural que está sendo desenvolvido na comunidade. Por meio da preservação das tradições culturais, eles estão buscando reforçar sua identidade e garantir sua sustentabilidade econômica.

Os moradores da Fazenda Machadinha não são descendentes de negros fugitivos, mas sim de negros que permaneceram no local de trabalho mesmo após a abolição da escravidão. Segundo Carlos Eugênio Líbano Soares, em entrevista publicada em *Histórias dos Quilombos do Estado do Rio de Janeiro*, os remanescentes de senzalas são tão importantes quanto os remanescentes dos quilombos:

“Havia uma noção muito antiga na década de 1970, ou antes, de que os escravos aquilombados eram escravos que tinham capacidade organizativa e vontade política de rebelião maior que os escravos asenzalados. É um pouco a dicotomia do Zumbi e do Pai João: os escravos dos quilombos seriam tipos zumbis, seriam guerreiros, e os escravos das senzalas seriam pais-joão, acomodados, resignados. Essa é uma visão que havia até a década de 1970, que hoje foi completamente eliminada , ou seja, os escravos que permanecem nas fazendas são tão combativos, tão aguerridos e tão importantes na formação da cultura negra quanto os escravos aquilombados.”²⁵

Cabe também ressaltar que, diferentemente de outras comunidades formadas por descendentes de escravos, os moradores da Fazenda Machadinha não estão lutando pela

²⁵ SOARES, Carlos Eugênio Líbano. “Comunidade Manoel Congo”. In: *Histórias dos Quilombos do Estado do Rio de Janeiro*. Prime Printers Editora e Gráfica Ltda, 2002, pág. 54.

regulamentação de suas terras. Ao que tudo indica eles parecem desconhecer a legislação que permite aos remanescentes de quilombos a titulação das terras.²⁶

Hoje existem no Brasil mais de 700 núcleos de remanescentes de quilombos²⁷. Se no passado o termo quilombo nos remetia a idéia de local onde viviam os negros fugidos das fazendas onde eram escravos para terem uma vida supostamente livre, atualmente esse termo abrange todos os locais onde viveram os escravos. De acordo com documento elaborado por um Grupo de Trabalho da ABA (Associação Brasileira de Antropologia) sobre Terra de Quilombo, em 1994,

“... o termo quilombo tem assumido novos significados na literatura especializada... nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida”.²⁸

Nesse aspecto, a comunidade da Fazenda Machadinha parece ter mantido seu modo de vida próprio. Todos os atuais moradores da Fazenda Machadinha nasceram na própria comunidade. Alguns que ali nasceram saíram para morar em outros locais em busca de trabalho, principalmente no Rio de Janeiro, mas continuaram mantendo contato com a região e seu estilo de vida. Os moradores possuem laços familiares entre si e, por isso, a comunidade parece ser uma grande família. Segundo alguns depoentes, todos os residentes da Fazenda Machadinha são descendentes de apenas duas famílias. Fato semelhante parece ter ocorrido na comunidade de São José da Serra em Valença, no estado do Rio de Janeiro, também formada

²⁶ Conforme Eliane Cantarino O'Dwyer, “A partir da Constituição brasileira de 1988, o quilombo adquire uma significação atualizada, ao ser inscrito no art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) para conferir direitos territoriais aos remanescentes de quilombos que estejam ocupando suas terras, sendo-lhes garantida a titulação definitiva pelo Estado brasileiro”. O'DWYER, Eliane Cantarino, organizadora. “Quilombos: identidade étnica e territorialidade”. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002, pág. 13.

²⁷ Conforme matéria do Jornal do Brasil, 12 de abril de 2004, que também informa que esses dados são poucos precisos pois esse número pode chegar a dois mil.

²⁸ O'DWYER, 2002, pág. 18.

por descendentes de escravos, onde, conforme Hebe Maria Mattos e Lúcia Celestino Meireles, “uma característica local é o tipo de casamento entre parentes que se manifesta em grande quantidade entre os moradores”²⁹.

Na época da escravidão, as senzalas da Fazenda Machadinha foram construídas com divisões internas. Darlene dos Santos Monteiro, no seu depoimento, relatou que, segundo os moradores da Fazenda, essas divisões serviam para que os casais de escravos tivessem privacidade para se relacionarem intimamente e terem o maior número de filhos possível, pois assim estariam produzindo mão-de-obra para o senhor da Casa Grande. No entanto, Darcy Ribeiro comenta que, de um modo geral, diante da necessidade de se ter um número maior de escravos trabalhando no eito, comprar escravos tinha um custo menor do que criar os filhos dos escravos das fazendas. “Os depoimentos mais conhecidos demonstram que não valia a pena criar porque os crioulos saíam mais caros pelo que comiam enquanto cresciam do que o africano comprado já feito e pronto para o desgaste rendoso, embora chegasse bruto e boçal”³⁰. Esse fato reporta ao que foi comentado anteriormente, sobre o crescimento na importação de escravos para a região quando da necessidade do aumento de mão-de-obra para a plantação de cana-de-açúcar.

As senzalas atualmente possuem luz elétrica e são divididas da seguinte forma: em um lado habitam descendentes dos escravos que trabalhavam na Casa Grande; em outro moram os descendentes dos escravos que trabalhavam na lavoura. A parte da comunidade que teve mais acesso ao estudo e maior ascensão social foi a dos descendentes de trabalhadores da Casa Grande. Darlene dos Santos Monteiro relata esse assunto da seguinte maneira: “Tinha essa separação dentro da comunidade que hoje é muito pequena. Você é do lado de lá, eu sou

²⁹ MATTOS, Hebe Maria. MEIRELES, Lúcia Celestino. “Memória do cativo, território e identidade na comunidade negra rural de São José da Serra”, pág. 7

³⁰ Ver Introdução de Darcy Ribeiro in FREYRE, Gilberto. “Casa-grande & senzala”, 46ª edição Rio de Janeiro, Record, 2002, pág. 38.

do lado de cá. Eu achava um absurdo a situação e ao mesmo tempo achava interessante de observar.” Segundo ela, até pouco tempo essa separação era nítida, mas o trabalho de preservação cultural que vem sendo desenvolvido no local tem contribuído para uma integração entre os moradores e diminuído a separação entre eles.

Alguns moradores mais antigos percebem grande diferença comportamental entre os jovens de hoje e os jovens do passado. Um deles é o senhor Carlos do Patrocínio. Segundo ele, “a juventude de hoje não respeita os mais velhos. Eu, com quinze, dezessete anos, não podia nem passar na porta de um bar. Hoje, as crianças, rapazinhos de treze, de quatorze anos, ficam tomando cachaça, tomando cerveja. São comportamentos completamente diferentes.” Para ele, a televisão, que chegou há apenas 20 anos na comunidade, interferiu negativamente na região, alterando o comportamento dos moradores:

“A questão da família era muito respeitada. As mocinhas e os rapazes não eram muito abertos. Depois que chegou a televisão, eles mudaram completamente o comportamento, achando que aquilo que se apresentava nas novelas, nos programas humorísticos, era normal. Começaram a surgir menores de quinze anos grávidas. Passou a ser normal crianças com doze anos já sendo mãe. Isso aí é um dos exemplos da mudança da televisão. Muitas vezes escutava de pessoas já de idade pronunciando alguns palavrões. ‘Pôxa, fulano, você xingando dessa maneira?’ ‘Mas na televisão fala.’ Eles respondiam assim.”

A presença da televisão também é motivo de comentários dos moradores de Conceição das Crioulas, uma comunidade quilombola localizada no sertão de Pernambuco. A chegada da energia elétrica e posteriormente da televisão mudou um pouco o hábito dos moradores de se encontrarem durante as noites, inibindo as rodas de conversa nas portas das casas. Tia Marina,

moradora de Conceição das Crioulas, comenta que “agora todo mundo tem parabólica e fica vendo novela. Antes, a gente ficava conversando e olhando o céu.”³¹

No passado, o catolicismo tinha um papel moralizador e a religião estava presente no dia-a-dia dos escravos, conforme relatado por Dinah Guimaraens: “Nos engenhos onde havia capela, os escravos eram obrigados a assistir o terço e as missas. Em Quissamã mantém-se hoje o costume de celebrar missa em honra da padroeira de cada fazenda... O sucesso da missa decorre do número de comunhões dos empregados, pois, ao comungarem, estes estarão cumprindo o preceito pascoal.”³²

Hoje, a maioria dos moradores da Fazenda Machadinha diz ser católico, apesar de não existir uma prática religiosa intensa, conforme observei em relatos feitos nas entrevistas. Na capela de Nossa Senhora do Patrocínio, construída em 1833, a missa, celebrada mensalmente pelo padre Carlos, pároco da igreja matriz localizada em Quissamã, é assistida por moradores da Fazenda Machadinha e de outras redondezas. Segundo Mário Azevedo, um dos entrevistados, as missas só ficam cheias quando é batizado de filho ou neto de algum morador. No passado, segundo Dinah Guimaraens:

“Ao serem batizados, os escravos recebiam nomes cristãos. Com a abolição, adotaram, muitas vezes, os sobrenomes das famílias a que haviam pertencido ou criaram sobrenomes para seu uso pessoal. A educação religiosa dos escravos em Quissamã parece ter influído, de maneira decisiva, na escolha dos sobrenomes de pessoas negras. Aparecem sobrenomes como Desterro (em homenagem à padroeira da igreja-matriz do local: Nossa Senhora do Desterro), Espírito Santo (sobrenome de Ulisses, dançador e cantador de fado) etc. Essa nominação dos antigos escravos por sobrenomes de inspiração religiosa pode

³¹ Depoimento publicado na Revista Democracia Viva nº 27 (Ibase, 2005, pág. 29).

³² GUIMARAENS. In Marchiori, 1987, pág. 121.

decorrer da ligação entre a vida cotidiana dos mesmos com o catolicismo praticado por seus senhores, a eles estendido enquanto prática religiosa.”³³

A religião evangélica está começando a se expandir na comunidade. Dona Jorgina Peçanha, descendente de escravos e uma de minhas entrevistadas, confessou ter mudado da religião católica para a evangélica. Como não existe na região um templo evangélico, um pastor de Campos dos Goytacazes vai à casa das pessoas da Fazenda Machadinha.

1.4 - A participação da prefeitura nos projetos de desenvolvimento local

Em 2001, a prefeitura de Quissamã adquiriu do Engenho Central de Quissamã todo o conjunto arquitetônico da Fazenda Machadinha, com o objetivo de preservar as construções e revitalizar a cultura local. Segundo Maria José de Queiróz Carneiro da Silva, irmã do prefeito de Quissamã, Armando Cunha Carneiro da Silva, a idéia inicial da prefeitura era transformar as ruínas do casarão em um parque. O intuito era preservar a cultura negra dentro da antiga Casa Grande, utilizando esse espaço para apresentações do fado. Em virtude de o complexo arquitetônico estar tombado pelo INEPAC, as obras de restauração não puderam ser iniciadas e, com isso, a Casa Grande foi deteriorando-se e atualmente não se sabe mais o rumo que vai tomar.

A estrada que liga o centro de Quissamã à Fazenda Machadinha era asfaltada somente até a localidade denominada Santa Catarina, um bairro de Quissamã localizado entre o centro do município e a fazenda. O restante da estrada era de barro e, em uma das visitas que fiz ao local, tive muita dificuldade de chegar à comunidade em virtude de chuvas, que deixaram a estrada bastante escorregadia. Algum tempo depois, foram iniciadas obras, já concluídas, para o asfaltamento do restante da via, facilitando o acesso à Fazenda Machadinha, demonstrando

³³ GUIMARAENS. In Marchiori, 1987, pág. 123.

o interesse da prefeitura na projeção do local tanto no turismo, quanto na facilidade de acesso dos visitantes interessados em acompanhar o trabalho de desenvolvimento da cultura local.



Ala das senzalas fechada para restauração

Segundo informações de Paulo Renato Cunha Carneiro da Silva, irmão do prefeito de Quissamã, Armando Cunha Carneiro da Silva, e marido de Darlene dos Santos Monteiro, a prefeitura possui verba para preservar uma das alas das senzalas, que foi desabitada, tendo sido os moradores transferidos para casas populares construídas pela prefeitura. O projeto está em fase de licitação, com expectativa de que as obras comecem em 2006. A prefeitura está procurando parceiros para realizar o restante da preservação e, por isso, no dia 13 de maio de 2005, durante as comemorações do Dia da Abolição da Escravatura, realizada na Fazenda Machadinha, foram convidados empresários para apresentação do projeto “Machadinha: faça parte dessa história”. O intuito era despertar nos empresários o interesse para colaborar na recuperação das senzalas. Após a explicação do projeto, foi realizada uma visita guiada pelas

senzalas, apresentadas as danças típicas do período da escravidão, como o fado e o jongo, e foi servido um almoço também com pratos típicos, essa uma atividade do projeto Raízes do Sabor, que vem sendo desenvolvido por Darlene dos Santos Monteiro e Maria José de Queiroz Carneiro da Silva.



Antiga oficina onde deverá ser construída a Casa de Artes de Machadinha

A prefeitura de Quissamã também está buscando parcerias para a construção da Casa de Artes de Machadinha, um local para receber turistas e apresentar as danças, a culinária e o artesanato. A intenção é que esse espaço seja construído onde anteriormente funcionava a oficina da Casa Grande, preservando sua arquitetura original. O projeto tem como objetivo permitir que os moradores da comunidade tenham sustentabilidade pelas suas próprias habilidades, possibilitando, também, desenvolver o turismo local. Segundo Darlene, a expectativa é ter um tablado para a apresentação das danças do fado e do jongo, além do boi

malhadinho. A Casa de Artes deverá ser construída atendendo às exigências de higiene e de funcionalidade de uma cozinha. Existe também a perspectiva de construir uma casa de farinha seguindo o estilo antigo, para a realização de oficinas, inclusive para os turistas, de fabricação de farinha de mandioca e de sanema, um doce que era feito pelos escravos.

Os projetos desenvolvidos na Fazenda Machadinha visam a auto-sustentabilidade e a inclusão social dos moradores. É comum a apresentação das danças e da culinária em eventos promovidos pela prefeitura, pois essa é uma oportunidade para divulgar o trabalho que vem sendo realizado e promover a geração de renda para a comunidade. Um exemplo foi a participação na X Copa Quissamã do Cavalo Quarto de Milha, no período de 19 a 22 de maio de 2005. Conforme relato de Darlene dos Santos Monteiro, entre os cantores do fado e os dançadores, 32 pessoas receberam remuneração. Nesse tipo de evento, muitas pessoas são beneficiadas: os produtores de farinha (para o preparo da sanema), os criadores de galinha (para o preparo do prato galinha com aipim), as costureiras e passadeiras das roupas dos dançadores etc.

A prefeitura de Quissamã possui programas sociais que beneficiam a população local, como o Renda Mínima, uma ajuda financeira às famílias mais carentes do município, que atualmente possui 1300 famílias sendo atendidas. Mas, talvez, o maior projeto da prefeitura esteja relacionado à educação. Além das escolas municipais, a prefeitura fornece bolsa de estudo às crianças em colégios particulares. Os projetos desenvolvidos pela prefeitura abrangem a comunidade da Fazenda Machadinha.

Dentre as principais visitas ilustres feitas à Fazenda Machadinha, destacam-se a do ministro da cultura, Gilberto Gil, em fevereiro de 2003, e a do padre Marcelo Rossi, que filmou, na região, algumas cenas do filme Maria, Mãe do Filho de Deus.

CAPÍTULO 2

OS PERSONAGENS E AS ENTREVISTAS

“Na recuperação da história dos excluídos, os depoimentos orais podem servir não apenas a objetivos acadêmicos, como constituir-se em instrumentos de construção de identidade e de transformação social”³⁴

2.1 – Os personagens

Para desenvolver este trabalho tive contato com muitas pessoas. Realizei várias entrevistas e consegui gravar 9 depoimentos. Desses depoentes apenas um não é descendente de escravos, nem morador ou ex-morador da Fazenda Machadinha. Mas todos possuem vínculo forte com a comunidade. Os entrevistados me foram indicados pelo senhor Carlos do Patrocínio, um dos mais antigos moradores da Fazenda Machadinha, a partir de algumas características que lhe sugeri: gostaria de entrevistar os mais velhos e que tivessem uma relação mais forte com a comunidade. Sem dúvida, as entrevistas por mim realizadas foram fundamentais para a elaboração deste trabalho. Mas, como veremos adiante, alguns depoentes, diante do gravador, falaram pouco. No entanto, através de conversas informais com moradores não só da Fazenda Machadinha, mas também do município de Quissamã, foi possível obter informações preciosas sobre a comunidade.

Os entrevistados para este trabalho foram:

³⁴FERREIRA, Marieta de Moraes. “História oral: um inventário das diferenças”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; ABREU, Alzira Alves de... [et al.]. “Entre-vistas: abordagens e usos da história oral”. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, pág. 9.

2.1.1 - Carlos do Patrocínio

Descendente de escravos, senhor Carlos do Patrocínio, conhecido na comunidade como seu Carlinhos, nasceu na Fazenda Machadinha em 20 de maio de 1931. Estudou até o Segundo Grau, atual Ensino Médio. Aos 17 anos, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro para servir o Exército. Após sua saída das Forças Armadas, conseguiu trabalho e permaneceu durante muitos anos morando na cidade do Rio de Janeiro. Em férias e em dias festivos, senhor Carlos do Patrocínio costumava visitar a Fazenda Machadinha. Casou-se com dona Gerusa, com quem teve seus dois filhos: um mora em São Paulo; outro atualmente mora com ele. Após ter se aposentado, senhor Carlos do Patrocínio conseguiu fixar residência na Fazenda Machadinha e lá vive até hoje.



Carlos do Patrocínio e dona Gerusa, sua esposa, em frente às senzalas

Carlos do Patrocínio, neto do último cozinheiro da Casa Grande, é um senhor simpático e envolvido no trabalho de divulgação cultural da Fazenda Machadinha. Ele me foi indicado como sendo uma das pessoas mais interessadas na divulgação dos trabalhos realizados na comunidade. É um dos moradores mais conhecidos e uma referência para as pessoas que chegam à Fazenda Machadinha e querem obter informações sobre a história local. Em todas as visitas que fiz à Fazenda, sempre tive o apoio e a colaboração do senhor Carlos do Patrocínio. Apesar de ter sofrido um derrame em fevereiro de 2005, o seu envolvimento com os trabalhos culturais não diminuiu. Surpreendi-me, inclusive, ao encontrá-lo acompanhando o fado e o jongo da Fazenda Machadinha/Quissamã apresentado na comunidade quilombola de São José da Serra, em Valença, na comemoração da abolição da escravidão, em 14 de maio de 2005.

Dona Gerusa Azevedo do Patrocínio, esposa do senhor Carlos do Patrocínio, atualmente com 63 anos, ao lado do marido, tem importante participação no projeto Raízes do Sabor e no desenvolvimento da cultura local.

2.1.2 - Levina Cândida Rodrigues

Dona Levina, sogra de Carlos do Patrocínio, é viúva e mãe de seis filhos, um homem e cinco mulheres. Com saúde debilitada, dona Levina não tem certeza de sua idade, mas acha ter 87 anos. Não chegou a estudar; trabalhou na roça desde criança. É a moradora mais antiga da Fazenda Machadinha.

Apesar de ter labutado muitos anos no canavial da Usina de Quissamã, dona Levina não recebia pagamentos em dinheiro, mas em vale. Segundo ela, esses vales, que ela relata como cartões, eram usados para fazer compras na mercearia da própria Fazenda.

“Antigamente não havia cruzeiro e nem havia dinheiro, havia cartão. Davam aqueles cartõezinhos para a gente”.



Levina Cândida Rodrigues

Dona Levina não enxerga mais. Mora com uma de suas filhas. Com a memória fraca, tem poucas lembranças do passado. Para ela, a Fazenda Machadinha já foi melhor e, atualmente, a comunidade é formada pelo que chama de “paizinhos”, pessoas sem compromisso com o local.

2.1.3 - Erotilde Azevedo

Erotilde Azevedo, conhecido como senhor Tide, nasceu na Fazenda Machadinha em 24 de novembro de 1923. Nunca saiu da comunidade. Senhor Erotilde é viúvo e teve dez filhos. Estudou pouco, pois, ainda jovem, seus pais o colocaram para trabalhar.

Inicialmente, senhor Erotilde trabalhou como copeiro na Casa Grande quando ela era propriedade da Usina e utilizada como residência dos seus administradores. Após a saída dos administradores, senhor Erotilde passou a trabalhar em sua própria horta. Tempos depois, em função de obras realizadas pela prefeitura na Fazenda Machadinha, sua horta foi destruída. No entanto, ele tem esperança que a prefeitura faça uma nova horta em outro local da Fazenda para que possa voltar a trabalhar. Apesar de estar com 82 anos, diz gostar de ter uma “coisinha para entreter”.



Erotilde Azevedo (à direita) e Carlos do Patrocínio em frente à Capela de Nossa Senhora do Patrocínio

Senhor Erotilde é um dos moradores mais conhecidos na Fazenda Machadinha. Seu semblante sempre calmo é a expressão de tranquilidade do local. Para ele, as pessoas se respeitavam mais no passado, principalmente no relacionamento dos mais novos com os mais velhos. “Antigamente era mais respeitado, mas agora eu acho que as pessoas não têm o dom de respeitar as pessoas mais velhas. Tudo para eles é uma coisa só.”

2.1.4 - Mário de Azevedo

Mário de Azevedo nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 17 de novembro de 1923, mas muito pequeno foi morar na Fazenda Machadinha. Casado, tem nove filhos: sete mulheres e dois homens. Nenhum de seus filhos moram na Fazenda Machadinha, mas vários parentes dele moram ali. Seu pai chegou a ser escravo na Fazenda Machadinha. Sua mãe, por ter nascido em 1884, quatro anos antes da abolição da escravidão, não trabalhou como escrava, mas foi criada na Casa Grande.



Mário de Azevedo

Apesar de morar no Rio de Janeiro, senhor Mário de Azevedo frequenta muito a Fazenda Machadinha. Possui terras na região, compradas pelo seu pai em 1920. Seu desejo é morar na Fazenda, mas ainda não se mudou por causa da esposa e dos filhos.

Senhor Mário de Azevedo não aparenta a idade que tem. Com boa memória sobre o passado, lembra dos tempos de estudos e dos times em que jogava futebol. Considera que a vida na Fazenda Machadinha era melhor no passado. Segundo ele, todos os moradores possuíam sua própria roça. “Plantava tudo. Por exemplo, tinha esses canaviais, eles plantavam feijão, plantavam milho, ali no meio daquelas linhas. Hoje não faz mais isso. E todo mundo tinha roça, plantavam tudo naquela roça, viviam melhor.” Lembra com saudosismo o tempo dos bailes de fado, quando a Fazenda recebia vários visitantes principalmente vindos do Rio de Janeiro, levados por pessoas nascidas na região e que moravam em outras cidades. “A festa de Santo Antônio tinha fado, tinha baile, tudo em um dia só. Ficava cheia. Vinha muita gente do Rio de Janeiro. Eu mesmo trazia dois, três ônibus de lá do Rio de Janeiro para aqui. Pessoal que tem parente aqui trazia alguém diferente, colega deles.”

2.1.5 - Guilhermina Rodrigues Azevedo

Dona Guilhermina, conhecida como Cheiro, nasceu em 28 de setembro de 1941. Teve oito filhos, quatro mulheres e quatro homens, um já falecido. Uma das pessoas mais conhecidas na comunidade, foi convidada por Darlene dos Santos Monteiro para ser a organizadora da dança do tambor. Diz que pretende fazer 90 ou até 100 anos “dançando tambor, se Deus quiser.” Também se queixa da falta de respeito existente atualmente na comunidade.



Guilhermina Rodrigues Azevedo

Dona Guilhermina tem uma relação muito grande com a região, e diz não sair do local por motivo nenhum. “É o que eu estou cansada de dizer para todo mundo: daqui não saio, daqui ninguém me tira. Só Deus, quando eu morrer. Não tem ninguém que me tire. Nem dinheiro me tira daqui.”

2.1.6 - Maria da Natividade Rodrigues Ribeiro

Dona Maria da Natividade nasceu dia 25 de dezembro de 1931; é conhecida na comunidade como dona Preta. Ela mora no Sítio Santa Luzia, ao lado da Fazenda Machadinha. Dona Preta é neta de ex-escravos a quem as terras do sítio foram doadas pelos antigos proprietários do Engenho Central de Quissamã.



Maria da Natividade Rodrigues Ribeiro

Dona Maria da Natividade teve nove filhos, sete homens e duas mulheres; três já faleceram. Os demais moram no Sítio Santa Luzia, local onde ela sempre viveu. Só esteve no Rio de Janeiro a passeio.

Um fato interessante aconteceu com dona Maria da Natividade. Por ter sido registrada junto com um irmão mais velho, os dois ficaram sendo irmãos gêmeos nas certidões de nascimento. Segundo ela, isso ocorreu porque seu pai não se interessava para os filhos e não se preocupava em fazer os registros de nascimento. Quem a registrou foi sua avó, que aproveitou para tirar a certidão de nascimento de seu irmão, ficando os dois com a mesma data de nascimento.

Dona Preta participa de todas as atividades culturais local, não tendo preferência pelas danças ou pela culinária:

“Gosto de tudo. Participo de tudo com muito prazer, graças a Deus. Saio daqui vou para a casa da minha comadre [dona Gerusa, esposa do senhor Carlos do Patrocínio], chego lá de manhã, só volto de tarde, nós cozinhando na maior alegria. Agora tem tambor, estou lá. Tem o fado, também estou. E vou tocando, até quando Deus quiser.”

Após conseguir restaurar uma imagem de Santa Luzia, dona Preta conseguiu com o ex-prefeito de Quissamã, Octávio Carneiro, que fosse construída uma pequena Capela para guardar e proteger a imagem da Santa. A Capela ainda não tem banco nem altar, mas algumas missas já foram celebradas no local. Sua intenção é conseguir realizar missa na Capela uma vez por mês.

2.1.7 - Jorgina Peçanha Ferreira

Jorgina Peçanha nasceu e sempre viveu na Fazenda Machadinha. Está com 79 anos, mas não tem certeza do dia em que nasceu. Sua mãe lhe dizia que sua data de nascimento era 23 de abril, porém em seu registro consta que ela nasceu em agosto. Assim como dona Maria da Natividade, seu registro de nascimento foi feito meses depois. “É porque o povo daquele tempo era um povo atrasado, porque agora a criança nasce a mãe e o pai logo procuram registrar, e naquele tempo era com dois, três, quatro meses para registrar uma criança.”

Viúva, dona Jorgina teve onze filhos. Estudou pouco e também trabalhou na roça. Em matéria publicada no jornal “O Globo”³⁵, quando ainda trabalhava na roça, dona Jorgina Peçanha confirmou que chegou a ficar três anos sem receber salário. Nesse período, o seu pagamento era feito em forma de vale. Os moradores, trabalhadores da Usina, dependiam de um armazém da própria Usina para trocarem seus vales. Ainda segundo a matéria do jornal,

³⁵ Matéria “Trabalho em troca de comida” publicada no Jornal O Globo, 05/05/1999

esse caso poderia ser classificado pela Justiça como exploração de mão-de-obra escrava, uma vez que não existia pagamento em moeda. O trabalhador necessariamente tinha de comprar seus mantimentos no próprio armazém da Usina pelo preço que lhe fosse cobrado.



Jorgina Peçanha Ferreira

Devido ao seu estado de saúde, Dona Jorgina não participa dos projetos culturais desenvolvidos na Fazenda Machadinha. Dançou o fado pela última vez ainda com seu marido, já falecido há oito anos.

2.1.8 - Moacir Azevedo

Moacir Azevedo, 77 anos, casado, pai de onze filhos, nasceu e foi criado na Fazenda Machadinha. Trabalhou para a Usina de Quissamã no corte de cana-de-açúcar. Já era aposentado quando a Usina fechou e vivia, além da aposentadoria, de pequenos biscates.

Senhor Moacir construiu em seu terreno uma casa de farinha³⁶, farinha, onde produz a farinha de mandioca utilizada em alguns pratos da culinária. Antes existia uma casa de farinha na Fazenda Machadinha para atender os moradores do local. Com o desaparecimento da casa, seu Moacir construiu sua própria casa de farinha.



Moacir Azevedo

Segundo seu Moacir, a Casa Grande da Fazenda Machadinha era muito bonita, mas os mais novos não se preocuparam em preservar o imóvel que, com o passar do tempo, foi-se

³⁶A socióloga Mariana de Mello e Souza descreve a casa de farinha da seguinte maneira: “A casa de farinha é equipada por um forno, uma cevadeira, uma forquilha ou equivalente, onde é pendurado o tipiti, além de cestas, tipitis, peneiras e cochos, sem os quais a farinha não pode ser feita. Uma única casa de farinha é usada por diversas pessoas que geralmente retribuem o empréstimo com uma parte da farinha produzida. SOUZA, Marina de Mello e. “O boi malhadinho / Tradição e criatividade”. In: MARCHIORI, Maria Emília Prado... [et al.] “Quissamã”. Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987, pág. 159.

deteriorando. Segundo ele, as ruínas só existem pela participação da prefeitura no local. “Aquele casa era bonita. Acabou tudo. Aquilo foi acabando, saindo um, morrendo o mais velho, ficando o mais novo, que não ligava para nada, aí acabou. E se a prefeitura não apanhasse ainda estaria pior.”

2.1.9 - Darlene dos Santos Monteiro

Darlene dos Santos Monteiro, casada, nasceu no Ceará. Tem 32 anos, possui três filhos e chegou a Quissamã para acompanhar o marido Paulo Renato Cunha Carneiro da Silva, que conheceu em Fortaleza. Seu esposo é irmão do prefeito de Quissamã, Armando Cunha Carneiro da Silva.

Darlene talvez seja uma das principais responsáveis pelo desenvolvimento da cultura local. Extrovertida e franca ao tratar os assuntos, seu trabalho na região começou há aproximadamente três anos, antes mesmo da prefeitura de Quissamã comprar as terras da fazenda. Alguns dos participantes dos projetos realizados na Fazenda Machadinha, como dona Preta, chamam-na de Diretora pela sua importância nos trabalhos desenvolvidos na comunidade. Por meio de seu interesse em gastronomia, fez pesquisas com os moradores da Fazenda Machadinha sobre a culinária antiga da região, criando em parceria de Maria José de Queiroz Carneiro da Silva, conhecida em Quissamã como Zezé, sua cunhada, o projeto “Raízes do Sabor”, cujo objetivo é divulgar a culinária da Fazenda Machadinha. Com o sucesso do trabalho, Darlene conseguiu aproximar o fado e a culinária e, atualmente, está retomando a dança do jongo, que não era mais praticada na região. Inicialmente, Darlene pensou em conseguir, com a culinária, uma forma de geração de renda para a comunidade da Fazenda Machadinha, mas, depois do trabalho iniciado, percebeu que estava resgatando a história do período escravocrata da região. O projeto de preservação da cultura local está conseguindo atrair os mais jovens, fator importante para a preservação das tradições culturais.

Na conversa com Darlene estavam presentes Paulo Renato e Maria José, que também forneceram informações importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

2.2 - As entrevistas

As entrevistas foram realizadas em diversas etapas. As primeiras foram com o senhor Carlos do Patrocínio e o senhor Erotilde Azevedo no dia 5 de agosto de 2004, na Capela Nossa Senhora do Patrocínio, Fazenda Machadinha. Entre 22 e 23 de abril de 2005, realizei mais seis entrevistas. Na Fazenda Machadinha, entrevistei dona Guilhermina Rodrigues Azevedo, dona Jorgina Peçanha Ferreira e dona Levina Cândida Rodrigues. No Sítio Santa Luzia, entrevistei dona Maria da Natividade Rodrigues Ribeiro. Na localidade chamada Bacurau, entrevistei os senhores Moacir Azevedo e Mário de Azevedo. No dia 22 de maio de 2005 entrevistei, informalmente, Darlene dos Santos Monteiro, que estava acompanhada de seu marido, Paulo Renato Cunha Carneiro da Silva, e sua cunhada Maria José de Queiroz Carneiro da Silva. A conversa foi no Parque de Exposições de Quissamã, durante a X Copa Quissamã do Cavalo Quarto de Milha.

Estes atores foram de fundamental importância para a construção deste trabalho. Cabe frisar que esse não foi um processo fácil. As dificuldades foram muitas: a idade avançada dos entrevistados, o estranhamento em se relacionar com pessoas de fora, o medo ou inibição diante do gravador etc.

Um dos pontos que mais chamou minha atenção foram os relatos sobre o passado escravocrata. Nesse particular, houve ambigüidades e silêncios³⁷. Isso certamente ocorreu não

³⁷ Para LeGoff, “a memória colectiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória colectiva”. LE GOFF, Jacques. “Memória”. In “Enciclopédia Einaudi – Vol. 1: Memória/História”. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, pág. 13.

apenas pela inibição com o gravador ou pela minha presença. Para justificar esse silêncio, muitos disseram que a história sobre a escravidão não foi passada pelos antepassados para os mais novos. Alegaram que, quando os parentes que haviam sido escravos contavam histórias, eles eram muito jovens e não podiam participar das conversas dos adultos. Também alegaram que, com o passar do tempo, as histórias deixaram de ser transmitidas pelos mais velhos. De acordo com Darlene dos Santos Monteiro e Maria José de Queiroz Carneiro da Silva, existe uma tentativa de apagar da memória os fatos do período da escravidão. Penso que talvez exista uma não aceitação de uma descendência escravocrata. Essa omissão ou esse silêncio é assim comentado por Hebe Maria Mattos:

“A ausência da memória genealógica da escravidão na maioria das famílias negras brasileiras e os silêncios voluntários, relatados por muitos daqueles que se referiram diretamente a um antepassado escravo, possuem um significado óbvio que não pode ser negligenciado – evidenciam as dificuldades de se construir uma identidade socialmente positiva com base na vivência da escravidão.”³⁸

No entanto, se existe silêncio também existe lembrança. Ou seja, sabemos que a identidade do grupo passa pelo reforço do passado escravista. Nesse sentido, o fato da Fazenda Machadinha ser habitada por descendentes de escravos é fundamental para o fortalecimento do projeto de desenvolvimento local. Por isso, apesar dos silêncios, algumas heranças desse passado escravista foram citadas de forma mais recorrente por alguns dos meus entrevistados. Pareceu-me haver uma separação entre as coisas ruins (que não devem ser lembradas) e as coisas boas (que devem ser preservadas). Foi possível perceber que as lembranças eram maiores quando se falava das danças do fado, do jongo e do boi malhadinho, porque provavelmente tenham ficado na lembrança como momentos alegres. No entanto, os

³⁸ MATTOS, Hebe Maria. “Memórias do cativo: narrativas e etnotexto. Comunicação apresentada na mesa - redonda sobre História e Tradição Oral no VII Congresso Nacional de História Oral, Goiânia, 2004, pág. 8.

silêncios parecem ter sido mais significativos do que as lembranças. Em alguns casos, as expressões faciais dos depoentes pareciam revelar histórias do passado, sugerindo que o silêncio poderia não ser por ausência de conhecimento, mas, talvez, por resistência a uma história oficial. Conforme afirmou Pollak: “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade...”³⁹

Conforme nos lembra também Hebe Maria Mattos, “como em todo processo de construção de memória coletiva, os episódios narrados são tão importantes quanto àqueles que são esquecidos ou sobre os quais – de forma eloquente – simplesmente se silencia”⁴⁰. O silêncio pôde ser percebido no depoimento de dona Maria da Natividade Rodrigues Ribeiro, a dona Preta, quando perguntei se algum antepassado havia comentado sobre a escravidão. Sua resposta foi finalizada com silêncio que me pareceu ser proposital, pois foi finalizada sem ter sido concluída: “Eu não cheguei a ter essas informações não. Minha avó me contava muito caso, me falava muita coisa, mas...”

Também comentando sobre o silêncio, José Carlos Reis, em sua avaliação sobre as relações entre história e verdade, mencionou que “o passado é basicamente silencioso.”⁴¹

Apesar de ter realizado inúmeras conversas e papos informais com meus depoentes, o tempo total de gravação é de aproximadamente 5 horas. Por se tratar de uma comunidade quilombola, ao entrevistar os moradores da Fazenda, busquei obter informações, principalmente, sobre as lembranças do período da escravidão. Busquei também entender o interesse da comunidade nos trabalhos culturais que estão sendo desenvolvidos na Fazenda

³⁹ POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: Estudos Históricos nº 3. Rio de Janeiro, 1989, pág. 5.

⁴⁰ MATTOS, 2004, pág. 8.

⁴¹ REIS, José Carlos. “História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade”. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2003.

Machadinha, procurando verificar como as atividades ocorriam no passado (principalmente as danças) e como ocorrem hoje. O mesmo não ocorreu com as pessoas de fora. No caso da entrevista de Darlene dos Santos Monteiro, por exemplo, o foco foi o desenvolvimento cultural local, o seu interesse pela comunidade e os motivos que a levaram a desenvolver o projeto Raízes do Sabor.

Realizar as entrevistas não foi um processo fácil. O senhor Carlos do Patrocínio auxiliou-me agendando-as. Mesmo confirmadas e apesar da vida calma dos depoentes, foi necessário ir várias vezes à Fazenda Machadinha para conseguir realizar as entrevistas. Alguns depoimentos foram extremamente curtos. Avalio que isso ocorreu por motivos diversos. Alguns evitavam tecer comentários sobre o passado escravocrata na região ou respondiam de forma monossilábica. Alguns também não participam das atividades culturais que estão sendo realizadas na Fazenda Machadinha. A idade avançada dos depoentes também foi um fator importante. No caso da senhora Levina Cândida, os problemas de saúde também dificultaram o depoimento. Depois de diversas idas a sua casa, consegui fazer o registro de algumas palavras. Mesmo curta, sua fala foi importante por se tratar da pessoa mais antiga da Fazenda Machadinha. Alguns dos depoentes, inclusive dona Levina, não lembravam o ano de nascimento, sendo necessário fazer as contas a partir de suas idades atuais para chegar ao ano em que nasceram.

As entrevistas realizadas com os senhores Carlos do Patrocínio e Erotilde Azevedo foram as mais produtivas. São as pessoas mais procuradas e indicadas aos visitantes para relatar os acontecimentos da Fazenda Machadinha, e isso provavelmente faz com que já tenham várias informações memorizadas, transformando-os no que Michael Pollak chama de “guardiões da memória”. Para Pollak, existe um controle da imagem, implicando numa

oposição entre a reconstrução de fatos e as reações de sentimentos pessoais.⁴² Além disso, por terem sido realizadas na Capela de Nossa Senhora do Patrocínio sem a presença de outras pessoas, os dois depoentes estavam mais relaxados. As demais entrevistas, com exceção da realizada com Darlene, Paulo e Maria José, foram feitas nas casas dos depoentes e sempre havia a presença de outras pessoas, vizinhos ou parentes, o que desviava, mesmo imperceptivelmente, a atenção do entrevistado.

A dificuldade para entrevistar Darlene dos Santos Monteiro ocorreu pelo seu envolvimento em outros projetos. Seu tempo disponível era mais difícil, por isso só consegui entrevistá-la durante a exposição ocorrida em Quissamã. Darlene, Paulo Renato e Maria José foram muito simpáticos. A conversa foi realizada enquanto eles almoçavam. A gravação da fita não ficou muito boa, pois o ambiente era aberto e o gravador captou sons não ligados à entrevista, como o dos músicos que estavam ensaiando para se apresentarem durante a noite. Darlene, Paulo Renato e Maria José disseram ter gostado da maneira como a entrevista foi conduzida: por ter sido de forma simples, sem utilização de “palavras difíceis como outros que vêm aqui.”

É importante dizer que senti nos entrevistados uma espécie de “idealização do passado”, ou seja, os tempos antigos eram sempre lembrados como melhores do que os tempos de hoje.

De modo geral, foi possível observar que também houve uma inibição de alguns depoentes diante do gravador.

Ao ouvir os moradores da Fazenda Machadinha, percebi o quanto era importante registrar as lembranças destes descendentes de escravos pois, como afirma Hebe Maria

⁴² Para Pollak, a escolha das testemunhas “é percebida como tanto mais importante quanto a inevitável diversidade dos testemunhos corre sempre o risco de ser percebida como prova da inautenticidade de todos os fatos relatados. Dentro da preocupação com a imagem... de si mesma e da história... é preciso portanto escolher testemunhas sóbrias e confiáveis...”. POLLAK, 1989, pág. 10.

Mattos, “a partir de iniciativas como estas, talvez tardiamente constituem-se, no Brasil, acervos potencialmente capazes de basear uma abordagem histórica da inserção social do liberto após a abolição da escravidão.”⁴³

⁴³ MATTOS, Hebe Maria. “Os Combates da Memória: escravidão e liberdade nos arquivos orais de descendentes de escravos brasileiros”. LABHOI-UFF, Memórias do Cativoiro www.historia.uff.br/labhoi/pdf/narcat01.pdf

CAPÍTULO 3

AS FALAS: A BUSCA DA IDENTIDADE E O DESPERTAR CULTURAL

Apesar de existir no município de Quissamã várias fazendas e casarões construídos no período escravocrata, os meus entrevistados não conhecem nenhuma outra comunidade, naquelas redondezas, que seja, ainda hoje, habitada por descendentes de escravos. Talvez, por isso, todo o trabalho de resgate da cultura do período da escravidão que vem sendo desenvolvido pela Prefeitura, esteja centralizado na Fazenda Machadinha. Segundo o senhor Mário de Azevedo e dona Jorgina Peçanha, a comunidade da Fazenda sempre foi formada por pessoas do próprio local. Conforme disse dona Jorgina, parecia que havia na Fazenda Machadinha uma “semente que ia caindo e nascendo aqui mesmo”. Ou seja, segundo ela, todos os atuais moradores da fazenda são descendentes dos antigos escravos que ali viveram em um período remoto. Para o senhor Mário de Azevedo, os moradores da Fazenda Machadinha não se interessam em morar em outro local porque ali é tranquilo e ninguém é perturbado por ninguém. Segundo ele, no município de Quissamã não existe local como a Fazenda Machadinha. Por isso, quando os antepassados foram morrendo, ali ficaram seus descendentes, seus filhos e netos.

Alguns moradores não chegaram a ter acesso aos estudos. Outros ficaram pouco tempo na da escola. Segundo eles, a necessidade de trabalhar desde cedo impossibilitou maior dedicação aos estudos. “Estudei pouco porque logo meu pai e minha mãe me colocaram para trabalhar, então não pude estudar mais”, lamenta o senhor Erotilde. A bisavó do senhor Erotilde que foi escrava na Fazenda Machadinha, participava do jongo. Segundo ele, quando sua bisavó já estava no final de vida, pedia para as pessoas tocarem o jongo: “Eu conheci minha bisavó já bem velhinha, cabelo todo enroladinho. Quando estava em cima da cama, quase morrendo, mandava o pessoal cantar a moda do jongo... Uns tratavam jongo, outros

tratavam tambor. O pessoal começava batendo e ela, mesmo em cima da cama, fazia o movimento com o corpo”.

Em seu depoimento, senhor Mário de Azevedo informou que as tradições culturais do tempo dos escravos que ainda permanecem na Fazenda Machadinha são “o fado e o tambor (jongo). São esses que continuam”. Dona Guilhermina Rodrigues Azevedo completa que, além do fado e tambor, “tem também a culinária, dos tempos dos antigos”. Para senhor Mário, o resgate cultural “é uma alegria por poder relembrar o que havia antes aqui”.

A permanência dessas tradições aliada a resistência da comunidade em permanecer morando nas senzalas identifica o grupo como uma comunidade quilombola, mas talvez a tradição mais importante seja a dança do fado, pelo fato de não existir em outro local do estado do Rio de Janeiro.

3.1 - Recordações do período da escravidão na Fazenda Machadinha

“Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’, no caso a memória nacional.”⁴⁴

Segundo dona Maria da Natividade Rodrigues Ribeiro, sua bisavó era escrava. Uma das filhas de sua bisavó foi comprada durante a gestação, mas não chegou a ser escrava pois, antes de nascer, houve a abolição da escravidão: “Tia Fina foi comprada na barriga da mãe dela [bisavó de dona Maria da Natividade]. Quando estava próximo dela nascer, libertaram os escravos. Ela se salvou, mas chegou a ser comprada.”

⁴⁴ POLLAK, 1989, pág.4.

Senhor Mário de Azevedo que, quando jovem, trabalhou em um armazém da Usina, possui um documento da época da escravidão onde consta uma relação com o número de cada escravo pertencente ao senhor da Casa Grande. O nome de sua mãe aparece na relação. Disse ele:

“... eu tenho uma relação com o número da pessoa, como se fosse uma senha e o nome da pessoa. Aí vinha, por exemplo, o pai, a mãe, depois os filhos. A minha mãe está registrada ali também porque ela nasceu em 1884. Só não valia nada. As outras pessoas, que eram mais novas e que trabalhavam, valiam 1.200 reais, não sei se eram reais ou o que era naquela época. A pessoa com mais idade ia baixando seu valor.”⁴⁵

No seu depoimento gravado, senhor Mário, cuja mãe foi criada na Casa Grande, relatou que seus pais afirmavam que não havia problemas de relacionamento entre os senhores da Casa Grande e os escravos: “O pessoal cuidava da obrigação que tinha que fazer e no mais eles [os senhores] tratavam bem.”

Já os pais do senhor Erotilde não faziam nenhum comentário com ele sobre a escravidão. Seu conhecimento vêm das histórias contadas pela sua bisavó, que havia sido escrava na Fazenda Machadinha. “Meus pais não falavam em escravidão, quem me falava mais era minha bisavó. Ela falava que o pessoal aqui castigava com o pessoal do tempo dos escravos. Ela acompanhou como os escravos eram, como não eram, como viviam, como não viviam. Ela sempre contava que, muitas vezes, botava a panela dela no fogo para cozinhar o feijão. O fogão era no chão. Ali botava carne seca, tocinho e era só aquilo. Não tinha arroz.” E sua bisavó lembrava que os maus tratos ocorriam, sobretudo, quando os escravos não queriam trabalhar na roça. “Eles judiavam mesmo com os escravos. Apanhavam aquele galho de urtiga, mandavam passar no corpo das pessoas e daí mandavam chamar outra pessoa

⁴⁵ O anexo 1 é a cópia do documento citado pelo senhor Mário de Azevedo.

[escravo] para bater naquele outro escravo que estava no tronco amarrado. Aí soltavam aquele, mandavam prender no porão, e pegava já outro também que, às vezes, fazia umas coisas que não devia fazer”⁴⁶.

O senhor Moacir Azevedo também relembra os relatos do seu pai sobre os castigos sofridos pelos escravos: “Dizem que se não fizessem uma coisa, entravam no chicote de arame. Assim papai falava para nós”.

Dona Guilhermina falou sobre a escravidão na fazenda, a partir dos comentários de um tio: “O tio Antenor, que era tio de mamãe, sempre falava que os escravos que eles tinham aí, eles mandavam pegar para amarrar no pau e meter o chicote de arame”. Dona Guilhermina disse que havia visto, há pouco tempo, o tronco onde os escravos eram amarrados para serem torturados.

No relato da senhora Maria Amélia, plantadora de cana-de-açúcar da Fazenda Prosperidade e depois moradora da Fazenda Machadinha, também aparecem os maus tratos: “Eu não alcancei a escravidão, nem minha mãe Amélia, do Melo [local em Quissamã]. Minha avó, sim, chamava Esméria e foi escrava do Melo, mamãe que falou... Aqui em Machadinha, os donos moravam naquele sobrado. Ouvia dizer que amarravam os escravos no tronco, que metiam chicote de arame neles. Quem contava isso eram os moradores mais velhos, que já morreram. Só não sei se era verdade ou mentira...”⁴⁷

Segundo senhor Carlos do Patrocínio, um dos principais “guardiões da memória” da Fazenda Machadinha, havia um bom relacionamento entre os senhores e escravos: “pelo que deu para observar, entre os senhores da fazenda e os escravos havia uma amizade quase que familiar, tanto que no fim da escravidão ninguém saiu daqui”.

⁴⁶ O porão mencionado pelo senhor Erolde é citado por Dinah Guimaraens da seguinte maneira: “... em Machadinha pode ter existido um calabouço no porão da casa-grande, onde eram trancados os escravos rebeldes.” GUIMARAENS. In Marchiori, 1987, pág. 124.

⁴⁷ Relato de Maria Amélia in MARCHIORI, Maria Emília Prado... [et al.] “Quissamã”. Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987, págs. 125/126.

No entanto, o fato de os escravos não terem saído da fazenda após a libertação aconteceu, na realidade, não só na Fazenda Machadinha, mas em diversas partes do país. Muitos ex-escravos, com a abolição, permaneceram nos locais onde trabalhavam, como lembra Ismênia Martins:

“A ausência de uma política de governo e a inexistência de alternativas no mercado de trabalho, como seria, por exemplo, uma indústria em expansão, impossibilitaram novas oportunidades de trabalho para os libertos que, muitas vezes, permaneciam nas fazendas dos próprios senhores de quem tinham sido escravos...”⁴⁸

Segundo José Murilo de Carvalho, no Brasil, diferente com o que ocorreu nos Estados Unidos, não houve uma assistência aos escravos que se tornaram libertos com a abolição da escravidão.⁴⁹ Isso fez com que muitos ex-escravos retornassem às fazendas para trabalharem por baixo salários.

Em Quissamã e, claro, também na Fazenda Machadinha, os senhores anteciparam-se à abolição em dois meses. Um dos motivos que alguns alegam para tal antecipação era o receio de, com a libertação, os senhores perderem os escravos e a safra de plantação. Segundo Maria José de Queiroz Carneiro da Silva, irmã do prefeito de Quissamã, Armando Cunha Carneiro da Silva,

“Quissamã absolveu a escravatura antes. Absolveu antes da abolição no Brasil inteiro. Absolveu em 14 de março, porque já sabiam. Lógico que os senhores de engenho foram espertos. Liberaram os escravos antes e pediram a ajuda

⁴⁸ MARTINS, 2003, pág. 25.

⁴⁹ Conforme José Murilo de Carvalho, os Estados Unidos “fizeram grande esforço para educar os ex-escravos. Em 1870, havia 4.325 escolas para libertos, entre os quais uma universidade, a de Howard. Foram também distribuídas terras aos libertos e foi incentivado seu alistamento eleitoral... No Brasil, aos libertos não foram dadas nem escolas, nem terras, nem empregos. Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas, para retomar o trabalho por baixo salário”. CARVALHO, José Murilo de. “Cidadania no Brasil: o longo caminho”. 4ª. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, pág. 52.

deles para não perderem a safra e ninguém perder. Eles já previram que, se fosse uma grande comoção nacional e eles fossem libertos, ia fugir todo mundo, ‘estou livre, vamos fugir. Fugir para onde? Fizeram um trabalho de dominação obviamente, político até. Dominação mesmo. ‘Se vocês forem para lá, vocês não vão ter onde comer, onde morar’. Fizeram, lógico, um trabalho desse e eles ficaram. Foi de dominação. Mas essas pessoas estão aqui até hoje, mas tiveram uma boa relação...”

Ou seja, para Maria José, houve um trabalho de persuasão.

Analisando os depoimentos dos moradores da Fazenda Machadinha fica claro que não existe uma única versão sobre como foi o período da escravidão. Conforme afirma Hebe Maria Mattos, “toda memória individual é socialmente determinada. Neste sentido, trabalhar com relatos de memória individual implica considerar as identidades socialmente relevantes do narrador”⁵⁰

Essas ambigüidades que aparecem nos discursos sobre o relacionamento entre senhores e escravos pode representar uma espécie de “memória dividida”. Segundo Alessandro Portelli,

“...na verdade, quando falamos numa memória dividida, não se deve pensar apenas num conflito entre a memória comunitária pura e espontânea e aquela ‘oficial’ e ‘ideológica’, de forma que, uma vez desmontada esta última, se possa implicitamente assumir a autenticidade não-mediada da primeira. Na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e

⁵⁰ MATTOS, 2004, pág. 3.

internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas”⁵¹.

Analisando a visão de Portelli sobre “memória coletiva” e “memória dividida”, Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira consideram que “a memória coletiva,..., longe da espontaneidade que muitos lhe atribuem, seria mediatizada por ideologias, linguagens, senso comum e instituições, ou seja: seria uma memória dividida”⁵²

3.2 - Os primeiros contatos com a cultura local

Na noite de 20 de dezembro de 2003, assisti, pela primeira vez, uma apresentação de fado. A festa foi realizada Sítio Santa Luzia, próximo da Fazenda Machadinha. Havia um palco, com apresentação de um grupo de pagode. Algum tempo depois, chegou um ônibus trazendo os participantes do fado. A dança não foi apresentada no palco, mas em um local parecido com um salão, para as pessoas dançarem próximo aos músicos. O grupo musical era formado por três pessoas: duas tocavam pandeiro e a outra tocava violão. Escutava-se o som dos instrumentos, mas não era possível entender as letras das músicas. Um dos tocadores de pandeiro não possuía uma das mãos e fui informado que ele era considerado o líder dos músicos. Durante a apresentação percebi alguns jovens desdenhando dos mais velhos, que eram a maioria absoluta no salão. Lembrei das palavras do senhor Carlos do Patrocínio: “O fado ficou muito tempo parado. Nos últimos cinco anos, um grupo começou a refazer o fado, sendo que os mais novos não se interessam”.

Assisti outra apresentação de fado no dia 24 de janeiro de 2004 num salão da Fazenda Machadinha. Essa apresentação foi bastante diferente da que havia sido realizada no Sítio

⁵¹ PORTELLI, Alessandro. “O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). “Usos & abusos da história Oral”. 5ª. ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002, pág. 106.

⁵² AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). “Usos & abusos da história Oral”. 5ª. ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002, pág. xix.

Santa Luzia. O salão, situado em uma das alas das senzalas, estava bem arrumado e a apresentação foi mais organizada, com os dançarinos bem distribuídos no salão. Uma equipe da TV-PUC do Rio de Janeiro estava filmando o evento. Várias pessoas da comunidade estavam presentes, além de Ana Alice, a secretária de Cultura do município de Quissamã. Houve também a apresentação da dança do boi malhadinho. O público, dessa vez, acompanhava as apresentações com bastante atenção. Nesse dia houve uma demonstração do projeto Raízes do Sabor e eu experimentei alguns pratos típicos da região como a sanema e o bolo capitão.

3.3 - O trabalho de desenvolvimento da cultura

Quando eu estava realizando as entrevistas, o nome de Darlene dos Santos Monteiro era muito citado. Algumas vezes era chamada “nossa Diretora”. Foi ela quem iniciou o trabalho de preservação cultural na Fazenda Machadinha. Na realidade, esse trabalho de “resgate cultural” da Fazenda Machadinha foi iniciado por Darlene há três anos e tem sido de grande importância para o desenvolvimento da comunidade. Darlene não gosta que o trabalho seja chamado de “resgate cultural” pois, para ela, resgate está relacionado a algo perdido e, em sua opinião, as informações que ela obteve para alavancar o trabalho estavam apenas adormecidas. Por isso prefere utilizar a expressão “despertar cultural”. Segundo ela me relatou, no primeiro contato que teve com as senzalas da Fazenda Machadinha ela ficou encantada. Decidiu desenvolver alguma atividade na região, pois não conseguia aceitar que as pessoas da comunidade, descendentes de escravos, fossem encaradas pelos demais moradores do município como “preguiçosas” e “esquisitas”. Para Darlene, como os moradores da fazenda não tinham muita iniciativa, eles eram considerados “preguiçosos”. A intenção de Darlene era proporcionar uma forma de sustentabilidade para os moradores. No entanto, durante a elaboração do projeto, que foi iniciado com a recuperação das receitas dos pratos

típicos feitos pelos escravos do local, ela verificou-se que, além da sustentabilidade, havia no projeto o despertar da cultura local. Se em Conceição das Crioulas, em Pernambuco, o artesanato é considerado não só a principal fonte de renda da região, mas também o reflexo da resistência e de existência no sentido de que ali existe um passado escravocrata, na Fazenda Machadinha esse processo poderia ser representado na culinária e nas danças. Esse fato ocorreu e, atualmente, a Fazenda Machadinha preserva suas tradições culturais por meio de sua culinária e danças, principalmente o fado e o jongo, também conhecido no local como tambor. Se em Conceição das Crioulas o artesanato é muito forte porque, segundo Givânia Silva⁵³, “carrega a marca e a história da comunidade”, na Fazenda Machadinha a culinária e as danças também estão fazendo com que a comunidade não deixe que sua história seja esquecida, sendo importante na formação de identidade do grupo.

O trabalho desenvolvido por Darlene teve o apoio do projeto Tempo Livre do SESC quando, em um evento organizado pela Associação Brasil Mestiço (parceiro do SESC no projeto) ocorrido no Circo Voador e direcionado para música de cultura popular, a Secretária Municipal de Cultura de Quissamã, Ana Alice, presente no evento, conversou com representantes da Associação convidando-os para assistirem o fado e o jongo em Quissamã. A visita na Fazenda Machadinha foi realizada por representantes da Associação e do SESC. Eles estiveram na Fazenda e, após verificar tratar-se de uma comunidade com potencial para que o projeto Tempo Livre fosse desenvolvido dentro de seus objetivos (criar na comunidade capacidade para desenvolver sustentabilidade por meio de sua cultura), iniciou um trabalho para preparar os grupos de fado e jongo para apresentações, o que é chamado por Hélio Ferreira, gerente do SESC e coordenador do projeto como espetacularização: entrada de palco, saída de palco, escolha das músicas etc. Segundo Hélio, em todos os municípios onde o projeto Tempo Livre está inserido, as apresentações tem despertado o interesse dos jovens em

⁵³ Givânia Silva nasceu em Conceição das Crioulas, é professora, formada em Letras e vereadora. Fonte: Revista Democracia Viva, n° 27, pág. 12

participar dos movimentos culturais por eles presenciarem a importância que o público tem dado a essas apresentações.



Dona Guilhermina canta o jongo no palco com a participação dos jovens

Cabe ressaltar que o trabalho que vem sendo realizado na Fazenda Machadinha também está despertando o interesse dos jovens. Atualmente eles são vistos participando de atividades, principalmente na dança do jongo. Parecem realmente estar tomando conhecimento que participar das atividades é uma maneira de preservar as tradições culturais da Fazenda Machadinha. Isso já ocorre na comunidade quilombola de São José da Serra, localizado na cidade de Valença, onde os jovens têm a consciência que, mesmo com a influência externa, são responsáveis pela preservação da cultura local. Eles participam, inclusive, na organização das celebrações religiosas.

“Amamos nossa cultura e temos a obrigação de preservá-la para que não morra ou seja absorvida pela modernidade. É complicado para nós, jovens, que temos

acesso às informações do mundo lá fora, não nos influenciemos pelas outras coisas, mas mesmo assim temos que trabalhar na cultura, plantar e fazer nosso artesanato, cantar nossas músicas e tocar o atabaque. Dessa maneira, a cultura do quilombo não acabará”.⁵⁴

Nos dias 11, 12 e 13 de novembro de 2005 foi realizado o evento Mês da Cultura na Fazenda Machadinha, em comemoração ao Dia da Consciência Negra, Dia da Cultura, 30 anos de Independência de Angola, Dia da Imortalidade de Zumbi dos Palmares e Dia de Nossa Senhora do Patrocínio. Na ocasião se apresentaram diversos grupos culturais de outros municípios como Rio Maracatu, Grupo Folclórico Cavalo Marinho Boi Daqui, além da apresentação do Fado de Quissamã e do Tambor de Machadinha, que fez um encontro de jongueiros com o Quilombo de São José da Serra. O evento foi mais uma oportunidade para a divulgação do trabalho cultural desenvolvido na Fazenda Machadinha. Houve também uma apresentação da Oficina de Fuxico de Machadinha, trabalho que está sendo realizado pelos moradores e organizado por Ana Margarida, enfermeira do posto de saúde da comunidade que também participa de atividades culturais realizadas na Fazenda Machadinha. O fuxico tem como base o aproveitamento de pedaços de tecidos (ou roupas velhas) que seriam descartados e são transformados em roupas, toalhas ou outro produto que possa ser utilizado. Segundo Ana Margarida, essa atividade acontecia no período da escravidão e também ocorria na Fazenda Machadinha, onde os escravos aproveitavam sobras de tecidos da Casa Grande e criavam suas roupas. Ana está aproveitando o projeto para aproximar os moradores dos serviços oferecidos pelo posto de saúde, despertando também a conscientização da necessidade de acompanhamento médico na vida da comunidade. O trabalho foi inscrito no concurso Cultura Nota 10 de 2005 do estado do Rio de Janeiro.

⁵⁴ Entrevista de Maria de Lourdes, 24 anos, moradora do quilombo de São José da Serra, em Valença, na Revista Democracia Viva, n° 27, pág. 39

O trabalho de desenvolvimento e divulgação cultural da Fazenda Machadinha está obtendo retorno. Segundo fui informado por dona Gerusa, esposa do senhor Carlos do Patrocínio, o turismo na Fazenda está aumentando e proporcionando renda para os moradores. Algumas visitas são previamente agendadas e alguns guias de turismo do município de Quissamã pedem que seja feita a apresentação do jongo, por exemplo, e da culinária local.

CAPÍTULO 4

AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

4.1 - A culinária

Interessada por assuntos gastronômicos, Darlene dos Santos Monteiro, quando ouviu falar que algumas pessoas da Fazenda Machadinha faziam comidas dos “tempos passados”, decidiu desenvolver um projeto sobre culinária, pois essa seria uma maneira de atrair turistas. Segundo Darlene, o turismo que existia no município não era “étnico”, ou seja, não havia uma intenção de conhecer a história dos descendentes de escravos da Fazenda Machadinha. As visitas turísticas estavam mais voltadas para conhecer Quissamã e seus casarões que são utilizados freqüentemente para gravações de filmes. Para Darlene, seria interessante combinar o interesse em visitar os casarões as ruínas da Fazenda com a degustação de pratos típicos da região.

Darlene começou a visitar a Fazenda Machadinha e aos poucos foi se aproximando dos moradores. Levantou informações sobre os pratos preparados pelos antepassados dos atuais moradores. Aos poucos vieram algumas lembranças: o peixe com feijão, a sanema, o bolinho de feijão etc. Senhor Carlos do Patrocínio lembrou do bolinho de feijão, uma mistura do feijão com a farinha. Outro prato é o bolo falso de aipim. Consta que, durante o Império, uma grávida estava com desejo de comer bolo de aipim, mas havia um problema: a raiz estava em falta. Foi feito um bolo de farinha para satisfazer ao desejo da mulher. Tal preparo ficou melhor que o bolo de aipim, tornando-se um prato tradicional da região. Um outro é o pastel de peixe, que tem sua massa feita com nata de leite, e o sassá, um peixe de água doce, pescado em água suja. Algumas pessoas da comunidade ainda utilizam o juquiá para pescar, um equipamento feito com bambu. O trabalho de Darlene foi difícil porque não havia registro escrito das receitas. Mas aos poucos começou um projeto que ajudaria a reforçar a identidade

local. Para isso, foi fundamental recorrer à memória dos moradores da Fazenda Machadinha. Segundo Dulce Chaves Pandolfi, “a consistência de um projeto depende fundamentalmente da memória.” Citando Gilberto Velho, Dulce continua sua reflexão mencionando que a memória “fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar projetos.”⁵⁵ Ao fazer uso das memórias dos moradores da Fazenda Machadinha, Darlene conseguiu realizar um trabalho que iria contribuir para o fortalecimento da identidade do grupo. Darlene via no seu trabalho uma maneira de gerar renda para os moradores. Sua proposta era poder ter um lugar que proporcionasse aos turistas a possibilidade de visitar a Casa Grande, assistir à dança do fado e experimentar a culinária local, o que ela chamou de “contextualizar Machadinha”. Surgiu assim o projeto Raízes do Sabor. Na primeira apresentação do projeto para um grupo de visitantes aconteceram várias dificuldades, desde situações mais simples até a insegurança dos moradores na apresentação do projeto. A ausência de louça, por exemplo, mostrou a necessidade de se fazer algo mais apresentável para não ficar com a imagem de que o trabalho era feito, segundo Darlene, por “um bando de negros com essas vasilhinhas feiasas.”

Darlene e Maria José resolveram inscrever o projeto Raízes do Sabor no concurso Cultura Nota 10, promovido pelo estado do Rio de Janeiro, realizado em novembro de 2003, de forma despretensiosa, conforme Darlene mesmo me relatou:

“...nós escrevemos o projeto para o Cultura Nota 10 de 2003 até meio de sacanagem, eu e Zezé [Maria José]. Quando foi a última hora, último momento, último instante, mandamos aquilo. Zezé escreveu, ela tem um texto bom, e para nossa surpresa fomos um dos dez. Entre 312 nós ficamos entre os dez. Nós ficamos meia hora rindo e gritando ‘O que é isso? Esse povo está

⁵⁵ Dulce Chaves Pandolfi. “Camaradas e companheiros: memória e história do PCB”. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, Fundação Roberto Marinho (1995, pág. 18).

doido’. Até então nem a gente acreditava assim... Foi aí que começou esse despertar para a coisa do cultural.”



A culinária do projeto Raízes do Sabor

O resultado obtido no concurso deu novo impulso ao projeto. Era uma maneira de resgatar a cultura e gerar renda para a comunidade. A culinária do projeto Raízes do Sabor despertou o interesse do jornalista Chico Junior que a incluiu no livro *Roteiros do Sabor Brasileiro*⁵⁶, o primeiro sobre turismo gastronômico no Brasil.

4.2 - O fado

O fado não é exclusivo da Fazenda Machadinha. Era dançado em outras fazendas da região ao som da viola e do pandeiro ou adufe⁵⁷. Conforme relato de Maria José, era comum se convidar grupos de fado para cantar ou fazer o baile em casas de família, principalmente

⁵⁶ Ver jornal Diário de Quissama, sábado 16 a segunda-feira 18 de abril de 2005.

⁵⁷ Adufe é um pandeiro de forma quadrada. Fonte: MATTOSO, Guilherme de Queirós. “A festa do fado de Quissamã” (2003, pág. 4).

nas casas dos fazendeiros. Os cantadores recebiam dinheiro para cantar e os dançadores ganhavam um lanche dos fazendeiros para participarem das apresentações. Esse fado é característico da região norte fluminense e nada tem em comum com o fado português. Conforme descreveu Elizabeth Travassos:

“Dentre as festas populares de Quissamã, o fado merece destaque especial por ser um baile característico do norte fluminense que, embora desaparecido de diversos municípios, se conservou ativamente naquele local. Outras festas populares como o tambor (denominação local do jongo) e o boi malhadinho, também existentes em Quissamã, encontram-se em todo o Estado do Rio de Janeiro e outros Estados da Região Sudeste, o que não ocorre com o fado, que, tudo indica, é uma exclusividade fluminense. Conquanto tenha sido assinalado em Parati, Vassouras, Angra dos Reis, Campos e outros municípios, no século XX, e na própria cidade do Rio de Janeiro, no século passado, o fado tornou-se em Quissamã um dos bailes mais apreciados e freqüentados da população de baixa renda.”⁵⁸

O fado deve ser iniciado por uma cantiga de reis seguida de louvação ao dono da casa e sua família⁵⁹. Nas apresentações que assisti do fado, os músicos, dois tocadores de pandeiro e um tocador de violão, sentavam-se em um banco e ficavam encostados na parede. Os dançarinos realizavam seus passos próximos aos músicos. Durante a dança, verifiquei algumas características, como o palmeado e o sapateado, que acompanhavam a marcação rítmica da música. Isso se repetia a todo instante, independente da música tocada. A dança parece ser única, realizada por dois casais, posicionados em forma de cruz – dama de frente a outra dama, cavalheiro de frente para o outro cavalheiro - que ficavam girando conforme o

⁵⁸ TRAVASSOS, Elizabeth. “O fado”.. In: MARCHIORI, Maria Emília Prado... [et al.] “Quissamã”. Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987, pág. 166.

⁵⁹ Fonte: DVD “Machadinha - Venha fazer parte dessa história”. Prefeitura de Quissamã – Coordenadoria Especial de Cultura e Lazer.

ritmo da música. O movimento do corpo nas danças locais é chamado de *saca*. Em alguns momentos, eles paravam para bater as palmas e alguns se dirigiam ao público como se pedissem para que quem estivesse assistindo também acompanhasse com as palmas. Não foi possível entender as letras das músicas em virtude do som não ser de boa qualidade (as apresentações eram feitas utilizando uma caixa de som para o violão, sobrepondo o som da viola a voz do músico).



O fado

O Compact Disc (CD) com o hino da prefeitura de Quissamã registra a gravação de 06 músicas de fado. A dança não faz parte das comemorações do calendário católico, apesar de ser considerado “da parte de Deus” e, por isso também pode ser realizado durante a Quaresma. Segundo Elizabeth Travassos, “isso não significa, porém, que se trate de uma festa religiosa, mas apenas que ela é aceita sem reservas na moral popular.”⁶⁰

⁶⁰ TRAVASSOS. In Marchiori, 1987, pág. 167.

Em depoimento registrado no livro Quissamã, Antônio Mourinho fez o seguinte relato sobre o fato do fado ser considerado “da parte de Deus”⁶¹:

“...antigamente, aqui no nosso lugar, no tempo dos velhos, mais antigo, Semana Santa, ninguém dançava baile, mas o fado todo mundo dançava. O fado é da parte de Deus. Então, Deus, quando chegou aqui na terra, Ele veio de pandeiro e viola (os instrumentos musicais do fado). É a parte que Deus gosta, que para isto ela é em cruz. Entra a Quaresma, então aqui não tem baile. Ninguém faz baile na Quaresma, porque diz que dançar este negócio de pé redondo, que ninguém sabe explicar... Agora, o fado pode continuar na Quaresma, Sexta-feira Santa, pode continuar a fazer o fado. Porque o fado é da parte de Deus.”

Foi possível observar nos relatos dos depoentes da entrevistas que realizei que, no passado, o melhor fado de Quissamã era o da Fazenda Machadinha, por ser o mais animado, com participação, inclusive, de pessoas de fora da comunidade.

Em 2001, a prefeitura do município interveio no fado com medo de a dança acabar em virtude do próprio desinteresse dos mais jovens e pelo surgimento de outras formas de entretenimento. Guilherme de Queirós Mattoso, em seu trabalho “A festa do fado de Quissamã”, relatou a interferência da prefeitura de Quissamã no fado da seguinte maneira:

“Foi somente no ano de 2001, quando a prefeitura passou a demonstrar interesse pela dança, que as coisas começaram a, de fato, mudar. Como já foi mencionado, se não houvesse intervenção tudo poderia se extinguir. A opção tomada pelas autoridades locais foi institucionalizar o fado. Foi formado, então, um corpo com 15 membros cadastrados pela prefeitura. As roupas escolhidas pelos próprios dançadores (as mulheres usam uma saia rodada e

⁶¹ Entrevista de Antônio Mourinho, cantor de fado em Quissamã. In Marchiori, 1987, pág. 167.

uma bata e os homens uma camisa de botão, calça, bota e chapéu) foram confeccionadas e a partir de então, as apresentações do fado são feitas com seus representantes devidamente uniformizados”.⁶²



Os músicos do fado

Os cantadores e os dançadores do fado não são exclusivamente da Fazenda Machadinha, mas de todo município, e fazem apresentações em diversos locais. Cada participante oficial recebe um valor simbólico da prefeitura em cada apresentação que participa.

⁶² MATTOSO, 2003, pág. 8.

4.3 - O boi malhadinho

Não é comum acontecer apresentações do boi malhadinho na Fazenda Machadinha. É parte da cultura que, de certa forma, está desaparecida e que pode ressurgir com o desenvolvimento cultural local. A presença do boi malhadinho em Quissamã é assim descrita pela socióloga Marina de Mello e Souza:

“No Brasil inteiro, de Norte a Sul, existem danças dramáticas, populares, onde o boi é a figura central e, junto com o séqüito de personagens que o acompanha, passa por uma série de peripécias, contando uma história sempre igual em sua estrutura. É o boi-bumbá no Norte, bumba-meu-boi no Nordeste e Centro e boi-de-mamão no Sul. Em alguns Estados acontecem no ciclo das festas natalinas e em outros nas festas de junho. Em algumas regiões do Estado do Rio de Janeiro e do Espírito Santo aparece uma forma desta manifestação, chamado boi malhadinho ou boi pintadinho, que atualmente sai no carnaval. Atualmente, em Quissamã, essa *brincadeira*, como é chamada pelos que dela participam, ainda é feita, mas numa intensidade cada vez menor.”⁶³

Segundo dona Levina Cândida Rodrigues, “um boi malhadinho bem cantado é uma beleza”. Em uma das visitas que fiz à Fazenda Machadinha assisti a uma apresentação do boi malhadinho. O grupo que era formado pelo boi, por dois personagens de nomes João e Maria e por um cavalinho. A estrutura do boi é feita com bambu e coberta com um pano colorido. No boi que assisti estava escrito Machadinha no pano que o cobria, uma referência a Fazenda. João e Maria eram interpretados por dois homens. O que representava João estava com máscara, chapéu, camisa colorida e calça comum. O que representava Maria estava com máscara, peruca, camisa vermelha e saia. Os dois estavam descalços. O cavalinho tinha sua

⁶³ SOUZA. In: Marchiori., 1987, pág. 146.

cabeça presa a um arco de madeira vasado e coberto por um tecido. Um menino dançava com o cavalinho que ficava preso em seus ombros com uma tira de pano. Consta que mulher não pode participar da brincadeira. Durante a apresentação, o boi finge atacar as pessoas que estão assistindo, sendo controlado pelo dono, João, que é ajudado por sua esposa. A história é que o boi pertence a um casal, João e Maria, que o leva para ser vendido e, durante o caminho, ele finge atacar a multidão.



Dançarinos do boi malhadinho

Marina de Mello Souza considera que as poucas apresentações da brincadeira do boi malhadinho estão diretamente relacionadas ao surgimento de outros divertimentos ocorrido pelo contato da comunidade com sociedades modernas. “O desaparecimento da brincadeira tradicional está, assim, ligado à transformação do modo de vida do lugar, que reserva cada

vez menos espaço para as manifestações que refletem a velha ordem, patriarcal e agrária, integrando-se no universo da televisão, das estradas de rodagem e do consumo.”⁶⁴

4.4 - O jongo

Matéria publicada no jornal O Globo em 1998⁶⁵ informa que “o jongo hoje se consola em manter-se vivo apenas entre aqueles que o perpetuaram há gerações em suas famílias. De Minas Gerais, eles desceram pelo litoral em busca de trabalho e, pelo caminho, foram deixados rastros dessa que é uma das mais ricas tradições do folclore nacional: o jongo.” A mesma matéria registra o trabalho do diretor Délcio Teobaldo para produzir um documentário sobre o jongo⁶⁶, que tem como base um núcleo de jongo que existe no Morro do Carmo, em Angra dos Reis. Na matéria, Délcio registra que houve confinamento do jongo, o que “ajudou a preservá-lo na sua essência”, segundo ele, diferente do samba. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti descreve o jongo da seguinte maneira: “O jongo ou tambor, como é chamado em Quissamã, é uma antiga dança dos escravos, muito difundida no Estado do Rio de Janeiro, em especial na zona canavieira. Pode ser encontrado também em certas áreas de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, sendo hoje incorporado ao repertório popular.”⁶⁷

O jongo, ou tambor, recentemente voltou a ser dançado pelos moradores da Fazenda Machadinha por iniciativa de Darlene dos Santos Monteiro, que reuniu um grupo de pessoas para apresentá-lo com a intenção de revitalização da dança que estava sendo esquecida. A média de idade das pessoas que sabiam as letras das músicas era de 60 anos, sendo necessário

⁶⁴ SOUZA. In: Marchiori, 1987, pág. 151.

⁶⁵ Matéria “Os últimos acordes do jongo” publicada no Jornal O Globo, 19/04/1998

⁶⁶ Na matéria publicada no jornal O Globo, o nome do documentário é informado como “No fuzuê da muvuca”. No entanto, não consegui encontrar informações do documentário com este nome. Realizei pesquisa com o nome do diretor no site <http://www.samba-choro.com.br/noticias/arquivo/4643> e encontrei informações de um documentário com o nome “Morre Congo, fica Congo”, de 2001, com as mesmas características, o que me sugere que o nome inicial foi alterado.

⁶⁷ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. “O jongo e a macumba”. In: MARCHIORI, Maria Emília Prado... [et al.] “Quissamã”. Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987, pág. 131.

transmitir esse conhecimento para os mais jovens. A responsabilidade da organização do grupo ficou por conta de dona Guilhermina Rodrigues Azevedo, a Cheiro, que conhece as letras das músicas e a forma de dançar por ter participado das danças quando ainda era criança.

“Minha mãe dançava, meus tios também dançavam, meus avós dançavam, minha avó dançava e eu, criança, também aprendi. Então minha mãe morreu, eu fiquei dançando, dindinha Eduarda, todos eles dançavam. Eu, criança, só vivia ali vendo. Aí minha mãe morreu, parou uns tempos. Agora voltaram com o tambor e eu estou ensinando as minhas netas. Se eu morrer minhas netas ficam.”

O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) aprovou o registro do jongo como Patrimônio Cultural Imaterial⁶⁸ no dia 10 de novembro de 2005. O pedido do registro, feito pelo Ministro da Cultura Gilberto Gil, data de novembro de 2002. O jongo é tocado com tambor. Antigamente, o tambor era feito com um tronco de árvore oco. Em um dos lados, ele era fechado com couro de boi, esticado e fixado no tronco com prego. Na hora de tocar, o couro era esquentado no fogo para que ficasse esticado. Atualmente nas apresentações do jongo da Fazenda Machadinha, são utilizados três tambores. Um deles foi feito na própria comunidade como no passado, como era feito antigamente; os outros dois foram comprados. Todos os dançarinos vestem-se de branco. Participam pessoas de todas as idades e de ambos os sexos. Segundo Darlene, as primeiras saias confeccionadas para as mulheres eram curtas demais, acima do joelho. Conforme os relatos dos moradores, por medida de economia, as saias eram curtas e feitas com saco de açúcar alvejado.

⁶⁸ A Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) define como Patrimônio Cultural Imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12456&retorno=paginaPatrimonioCultural>



Os tambores utilizados na dança do jongo. O primeiro à esquerda feito com tronco de árvore, como se fazia na época dos escravos

A dança acontece com uma grande roda, estilo dança de terreiro, e os participantes ficam batendo palmas e fazendo algumas evoluções. As músicas do jongo são chamadas de ponto. Um dos participantes entra na roda e canta um verso e depois convida outra pessoa para entrar no centro da roda e ficar no seu lugar. O movimento do corpo que os dançarinos do jongo fazem também é chamado de saca como ocorre no fado. Dona Guilhermina Azevedo é quem organiza a roda e normalmente começa a cantar. Os pontos são pequenos versos repetidos no transcorrer da dança, acompanhados por palmas batidas pelos participantes. O jongo da Fazenda Machadinha se apresentou na comunidade quilombola de São José da Serra, em Valença, no dia 14 de maio de 2005, durante as comemorações de aniversário da abolição da escravidão.

4.5 – A preservação das tradições

No trabalho de preservação das tradições culturais que vem sendo desenvolvido na Fazenda Machadinho existe tanto continuidade quanto ruptura com o passado escravista. A falta de continuidade na realização das danças, o resgate da culinária com adaptações e a intenção de apagar da memória os fatos do período da escravidão deixam transparecer que os acontecimentos ocorridos na Fazenda Machadinho são uma tradição inventada, uma tentativa de estabelecer continuidade a um passado histórico apropriado, conforme descreveu Eric Hobsbawm:

“... na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’ caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória”⁶⁹

É importante frisar que, ao comentar sobre tradição inventada, refiro-me ao fato de que algumas atividades “assumem a forma de referência a situações anteriores” mencionada por Hobsbawm. Isso é percebido em alguns depoimentos, como o de dona Levina Cândida Rodrigues, quando perguntada sobre o jeito atual de se tocar o fado: “Dizem que agora que está principiando ter fado. Mas aqui não tem tocador de fado como antigamente; nem tocador de jongo. Estão aí remendando”. Dona Jorgina Peçanha Ferreira diz que, apesar de sua saúde não permitir a sua participação no fado, ela, de sua casa, fica escutando as pessoas cantando, batendo palmas e sapateando. Porém, diz ela, hoje não é a mesma coisa de antigamente. “Agora estão imitando. Não dançam como as dançadeiras antigas”.

⁶⁹ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (organizadores). “A Invenção das Tradições”. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1997, pág. 10.

Darlene dos Santos Monteiro afirma que ao desenvolver o projeto Raízes do Sabor, fez adaptações das receitas antigas. Segundo ela, com o projeto, sua principal intenção era gerar renda para a comunidade, e não fazer um resgate cultural. “Algumas [receitas] têm adaptações sim, até porque, na verdade, quando eu pensei nisso, eu não tinha nem uma visão cultural. Eu não vou tirar aqui onda de culta, nada com isso. Minha visão era mesmo de geração de renda para aquela comunidade.” Da mesma forma o jongo também sofreu alterações quando foi adaptado para se apresentar em palcos na espetacularização citada por Hélio Ferreira. Essas adaptações fazem parte de qualquer processo de preservação de tradições. “Inventar tradições” é recriar, reapropriar e também preservar com adaptação. Em seu trabalho, Hobsbawm menciona que “houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins” É aqui que se encaixa o trabalho desenvolvido na Fazenda Machadinha, como na culinária, por exemplo, onde diversos pratos utilizados para alimentação dos escravos ou de seus descendentes, hoje sofrem adaptações para serem servidos aos turistas que visitam o local.

BIBLIOGRAFIA

Livros

ALBERTI, Verena. *“História oral: a experiência do CPDOC”*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1989.

_____. *“Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras”*. Palestra proferida em 18 de maio de 2004 na sessão de abertura do VII Encontro Nacional de História Oral.

ALMEIDA, Eliana Cunha Cavour P.; SILVA, Gisela Cunha Carneiro da. *“A Casa de Mato de Pipa”*. Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Artes Gráficas.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). *“Usos & abusos da história Oral”*. 5ª. ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.

CALVENTE, Eurico Antônio. *“O acervo arquitetônico das fazendas de Quissamã”*. In: MARCHIORI, Maria Emília Prado... [et al.] *“Quissamã”*. Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987,

CARVALHO, José Murilo de. *“Cidadania no Brasil: o longo caminho”*. 4ª. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, pág. 52.

CASTRO, Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de. *“Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil século XIX”*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995.

CAVALCANTI, Lauro. *“Tradição e modernidade: identidade cultural da freguesia de Quissamã”*. In: MARCHIORI, Maria Emília Prado... [et al.] *“Quissamã”*. Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987.

Estudo Sócio-econômico 1997-2001 - Quissamã. Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro – Secretaria Geral de Planejamento, 2002.

ESPÍRITO SANTO, Carmelita do; FREIRE, Isa Maria. *“Quissamã somos nós!”: construção participativa de hipertexto*. Ci. Inf. Jan/abr.2004, vol. 33, no. 1, p. 155-168. ISSN 0100-1965.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *“História oral: um inventário das diferenças”*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; ABREU, Alzira Alves de... [et al.]. *“Entre-vistas: abordagens e usos da história oral”*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FREYRE, Gilberto. *“Casa-grande & senzala”*. 46ª edição. Rio de Janeiro, Record, 2002.

FROCHTENGARTEN, Fernando. *“A memória oral no mundo contemporâneo”*. Estud. av., set./dez. 2005, vol. 19, no. 55, p. 367-376. ISSN 0103-4014.

GOMES, Flávio dos Santos. *“Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro – século XIX”*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995.

GARCIA, Januário (organizador). *“História dos Quilombos do Estado do Rio de Janeiro”*. Prime Printers Editora e Gráfica Ltda, 2002.

GUIMARAENS, Dinah. *“O maquetista Francisquinho: memória cultural e estética popular. Senzalas e casas-grandes em Quissamã; habitações de palha e de barro”*. In: MARCHIORI, Maria Emília Prado... [et al.] *“Quissamã”*. Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (organizadores). *“A Invenção das Tradições”*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1997.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In *“Enciclopédia Einaudi – Vol. 1: Memória/História”*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

MACHADO, Fábio da Silva. *“Entrevistas – Fazenda Machadinha, Quissamã”*. Trabalho apresentado na disciplina Memória e História Oral no curso de mestrado profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais. CPDOC – FGV, Rio de Janeiro, 2004.

MARCHIORI, Maria Emília Prado... [et al.] *“Quissamã”*. Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987.

MARIANI, Alayde Wanderley. *“Quissamã, história e sociedade”*. In: Quissamã. Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987.

MARTINS, Ismênia de Lima. *“Parecer sobre o valor histórico das Fazendas de Quissamã e Machadinha”*. 2003

MATTOS, Hebe Maria. *“Memórias do cativo: narrativas e etnotexto”*. Comunicação apresentada na mesa redonda sobre História e Tradição Oral no VII Congresso Nacional de História Oral, Goiânia, 2004.

_____. *“Os Combates da Memória: escravidão e liberdade nos arquivos orais de descendentes de escravos brasileiros”*. LABHOI-UFF, Memórias do Cativo (www.historia.uff.br/labhoi/pdf/narcat01.pdf).

_____. MEIRELES, Lídia Celestino. *“Memória do cativo, território e identidade na comunidade negra rural de São José da Serra”*.

MATTOSO, Gilberto de Queirós. *“O Município de Quissamã”*.

MATTOSO, Guilherme de Queirós. *“A festa do fado de Quissamã”*. Trabalho apresentado na 6ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação nos dias 3-6 de abril de 2003.

NABUCO, Joaquim. *“O Abolicionismo”*. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

O'DWYER, Eliane Catarino (organizadora). *“Quilombos: identidade étnica e territorialidade”*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *“Camaradas e companheiros: memória e história do PCB”*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, Fundação Roberto Marinho, 1995.

Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável, Quissamã, RJ. Relatório de pré-diagnóstico. Agosto de 2005.

POLLAK, Michael. “*Memória, Esquecimento, Silêncio*”. In: Estudos Históricos nº 3. Rio de Janeiro, 1989.

PORTELLI, Alessandro. “*A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*”. In: Tempo. Rio de Janeiro, Vol. I, nº 2, 1996.

_____. “*O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum*”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). “*Usos & abusos da história Oral*”. 5ª. ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.

OLIVEIRA, Jesus Edesio de. “*Eu sou Quissamã*”. Quissamã, Espaço Cultural José Carlos de Barcellos, Poema, 2000.

REGO, Mauro Lopes. “*A responsabilidade social como resposta do sistema S ao ambiente institucional brasileiro pós-década de 1990: o caso Sesc*”. Dissertação de mestrado. Fundação Getúlio Vargas, Escola Brasileira de Administração Pública, 2002.

REIS, José Carlos. “*História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*”. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2003.

RUA, João; MORAFON, Gláucio José (orgs). “*Atlas escolar do município de Quissamã*”. Rio de Janeiro, UERJ/Prefeitura Municipal de Quissamã, 2002.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. “*Comunidade Manoel Congo*”. In: Histórias dos Quilombos do Estado do Rio de Janeiro. Prime Printers Editora e Gráfica Ltda, 2002.

SOUZA, Marina de Mello e. “*O boi malhadinho/Tradição e criatividade*”. In: MARCHIORI, Maria Emília Prado... [et al.] “*Quissamã*”. Rio de Janeiro, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória, 6ª Diretoria Regional, 1987.

Periódicos

- Democracia Viva nº 27 – Ibase, junho 2005 / julho 2005.
- Jornal da UFV - Universidade Federal de Viçosa, 31 de janeiro de 2003.
- Jornal Diário de Quissamã, sábado 16 a segunda-feira 18 de abril de 2005.
- Jornal Diário de Quissamã, sábado 14 a segunda-feira 16 de maio de 2005.
- Jornal do Brasil, 12 de abril de 2004.
- Jornal Folha de Quissamã, 14 de maio de 2005.
- Jornal O Globo, 31 de janeiro de 2005.
- Jornal O Globo, 19 de abril de 1998.
- Jornal O Globo, 05 de maio de 1999.

- Jornal O Globo, 7 de dezembro de 2003.
- Jornal O Globo, 15 de maio de 2005.
- Jornal O Globo, 2 de janeiro de 2005.
- Jornal O Globo, 09 de agosto de 2005.
- Jornal O Globo, 16 de dezembro de 2005.
- Jornal Ponto de Vista, 1ª quinzena de dezembro de 2003.
- Jornal Ponto de Vista, 2ª quinzena de janeiro de 2004.
- Jornal Ponto de Vista, 1ª quinzena de abril de 2005.
- Jornal Ponto de Vista, 1ª quinzena de maio de 2005.
- Jornal SEMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Quissamã.
- Municípios em Revista: Quissamã, junho de 1994.
- Revista Cultura e Educação. Ano 1, nº 01. Quissamã, 2º semestre de 2005.
- Revista O Globo. Ano 2, nº 56. 21 de agosto de 2005.
- Revista Veja Rio, 18 a 24 de abril de 2005.
- Territórios Negros nº 5 set/out 2001.
- Territórios Negros nº 16 set/out 2004.
- Tribuna dos Municípios, 1 a 10 de novembro de 2001.

Endereços eletrônicos

- [http:// www.quissama.rj.gov.br](http://www.quissama.rj.gov.br)
- <http://www.sesc.com.br>
- <http://www.conhecimentosgerais.com.br/historia-do-brasil/fim-do-escravismo.html>
- <http://www.geocities.com/camposdosgoytacazes/historico.htm>
- <http://www.historia.uff.br/labhoi>.
- <http://www.jpessoa.com.br>
- <http://www.samba-choro.com.br/noticias/arquivo/4643>
- <http://www.iphan.gov.br>
- <http://www.jornalcana.com.br>
- <http://www.militar.com.br>
- <http://geocities.yahoo.com.br/Kajafreitas/Nobu.htm>

Discografia

- Hino do Município de Quissamã. Quissamã, RJ, Dez Anos. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1999. QCD009/99

Audiovisual

- DVD “Machadinha – Venha fazer parte dessa história”. Prefeitura de Quissamã – Coordenadoria Especial de Cultura e Lazer.

Depoimentos Orais

- Darlene dos Santos Monteiro, entrevistada por Fábio da Silva Machado, em 22 de maio de 2005, em Quissamã.
- Dona Guilhermina Rodrigues Azevedo, entrevistada por Fábio da Silva Machado, em 22 de abril de 2005, na Fazenda Machadinha, em Quissamã.
- Dona Jorgina Peçanha Ferreira, entrevistada por Fábio da Silva Machado, em 23 de abril de 2005, na Fazenda Machadinha, em Quissamã.
- Dona Levina Cândida Rodrigues, entrevistada por Fábio da Silva Machado, em 23 de abril de 2005, na Fazenda Machadinha, em Quissamã.
- Dona Maria da Natividade Rodrigues Ribeiro, entrevistada por Fábio da Silva Machado, em 22 de abril de 2005, no Sítio Santa Luzia, em Quissamã.
- Senhor Carlos do Patrocínio, entrevistado por Fábio da Silva Machado, em 5 de agosto de 2004, na Fazenda Machadinha, em Quissamã.
- Senhor Erotilde Azevedo, entrevistado por Fábio da Silva Machado, em 5 de agosto de 2004, na Fazenda Machadinha, em Quissamã.
- Senhor Mário de Azevedo, entrevistado por Fábio da Silva Machado, em 23 de abril de 2005, no Bacurau, em Quissamã.
- Senhor Moacir Azevedo, entrevistado por Fábio da Silva Machado, em 23 de abril de 2005, no Bacurau, em Quissamã.

ANEXOS

ANEXO 1 – Cópia do documento do senhor Mário de Azevedo, datado de 1884, com a relação dos escravos da Fazenda Machadinha.

ANEXO 2 – Entrevista do senhor Carlos do Patrocínio

Entrevista com o Sr. Carlos do Patrocínio, realizada por Fábio da Silva Machado, na Fazenda Machadinha, na cidade de Quissamã, estado do Rio de Janeiro, no dia 5 de agosto de 2004, das 9h05 às 10h40. A entrevista foi concedida na Capela Nossa Senhora do Patrocínio.

F.M. – Qual seu nome completo?

C.P. – Carlos do Patrocínio.

F.M. – Quando e onde o senhor nasceu?

C.P. – Nasci na Fazenda Machadinha, em Quissamã, no dia 20 de maio de 1931.

F.M. – Qual o nome dos seus pais?

C.P. – Meu pai é Adalberto Carneiro; minha mãe, Estela do Patrocínio. O nome do meu pai não consta nos meus documentos porque ele não me registrou. Isso era comum antigamente.

F.M. – Os avós do senhor eram descendentes de escravos?

C.P. – Eram descendentes.

F.M. – O senhor é casado?

C.P. – Sou.

F.M. – Possui filhos?

C.P. – Dois filhos.

F.M. – Eles moram em Machadinha?

C.P. – Não. Um mora em São Paulo, foi transferido para lá pela profissão. O outro morava no Rio de Janeiro, mas esse mês, dois meses atrás, veio para cá passar uma temporada comigo; o prendi aqui porque estava desempregado. O Rio de Janeiro, para rapaz que está desempregado, não é um bom negócio. Eu fiz com que ele ficasse morando comigo.

F.M. – Qual a instrução do senhor? O senhor estudou até que série?

C.P. – Até o segundo grau só, que hoje é o Ensino Médio.

F.M. – O senhor é eleitor?

C.P. – Sou eleitor. Eleitor de Quissamã.

F.M. – O que o senhor acha da televisão? Qual a visão que o senhor tem da televisão para a comunidade?

C.P. – A televisão, você sabe, é um grande avanço da tecnologia, mas para nossa comunidade, que é uma comunidade mais ou menos simples, carente, não compreende o alcance do que é a televisão. Tanto faz na parte artística como na parte de notícias, e não deixa de ser um divertimento. Uma diversão, mas pouco compreendida.

F.M. – Como o senhor vê a interferência da televisão nos jovens de Machadinha?

C.P. – Olha, a televisão chegou aqui há mais ou menos 20 anos, porque aqui não havia energia elétrica no início dos anos 80. Então, no início dos anos 80, algumas pessoas que tinham uma possezinha tinham televisão a bateria, mas não resolvia o problema. Só via novela e pronto. Depois, com a luz elétrica, a televisão começou a se expandir, muitas famílias começaram a comprar televisão, preto e branco na época, claro, e eu acho que a televisão foi uma interferência negativa, aqui e eu acredito que também no interior de um modo geral, nas comunidades carentes, com pouca instrução.

F.M. – Interferência negativa em que sentido?

C.P. – O pessoal, a nossa comunidade em geral do interior, não estava acostumado com novelas, com os programas em que o sexo aparece muito, e o pessoal achava, na época, que aquilo seria o normal na vida deles também. A questão da família era muito respeitada. As mocinhas e os rapazes não eram muito abertos. Depois que chegou a televisão, eles mudaram completamente o comportamento, achando que aquilo que se apresentava nas novelas, nos programas humorísticos, era normal. Começaram a surgir menores de quinze anos grávidas. Passou a ser normal crianças com doze anos já sendo mãe. Isso aí é um dos exemplos da mudança da televisão. Muitas vezes escutava de pessoas já de idade pronunciando alguns palavrões. “Pôxa, fulano, você xingando dessa maneira?” “Mas na televisão fala.” Eles respondiam assim. Então é exemplo de como a televisão influía na pessoa, no comportamento geral das pessoas, não só na parte sexual mas...

F.M. – Então ela não influenciou só nos jovens, mas também em alguns...

C.P. – Também... Na população em geral. Nos jovens porque, em franca atividade, são diferentes dos mais velhos. Os mais velhos, apenas com os pensamentos conhecidos naquele momento, passaram a ser expectador também.

F.M. – O senhor pode falar um pouco sobre a origem da comunidade de Machadinha?

C.P. – São os mesmos da época do império, basicamente. A maioria aqui é descendente de escravos. A comunidade na época era de escravo e, sendo o pessoal de agora descendente de escravos, foi uma continuação. Naturalmente que há a interferência de outros moradores vindo através de casamento, da união matrimonial, e foi misturando a comunidade, passou a ser uma comunidade mista entre escravos descendentes e não escravos e pessoas vindo pela imigração e é isso aí que deu origem a comunidade: uma mistura entre escravos e visitantes.

F.M. – Quantos moradores atualmente estão em Machadinha?

C.P. – Atualmente pode variar entre 100 e 110, por aí. Não chega a 120.

F.M. – O senhor tem uma base de quantas famílias são aproximadamente?

C.P. – Mais ou menos umas 50 famílias, muito embora aqui tenham 44, 45 casas, mas há casas que têm duas famílias, três famílias. O número de famílias é maior que o número de casas.

F.M. – Como a história da escravidão era passada pelos antepassados para o senhor e qual a influência na ligação com Machadinha?

C.P. – Pelo que eu venho observando através dos anos, desde quando eu era criança, eu acho que a escravidão aqui era um pouco diferente de outras localidades, visto que, pelo que deu para observar, entre os senhores da fazenda e os escravos havia uma amizade quase que familiar, tanto que no fim da escravidão ninguém saiu daqui. Ao que consta, no fim da escravidão, os escravos saíram pela estrada afora, sem eira nem beira, perdidos. Pode-se dizer que aqui o pessoal permaneceu, ninguém saiu daqui por esse mundo afora, então deu para observar, deu para deduzir que houve uma certa amizade entre patrões e empregados ou senhores e escravos.

F.M. – É como se os escravos continuassem aqui trabalhando para os senhores...

C.P. – Exatamente. Provavelmente com o fim (da escravidão) passaram a ter salário, o que não tinham antes. Eu conheci bastante escravos, embora eu fosse criança ainda, mas...

F.M. – O senhor sempre viveu na comunidade de Machadinha?

C.P. – Eu vivi na comunidade de Machadinha até os 17 anos. Eu saí daqui para... já tinha alguns parentes no Rio de Janeiro, então chegou a época de eu servir o Exército e eu fui para lá, para o Rio de Janeiro, para servir o Exército. Depois que eu servi o Exército, não voltei mais. Arrumei um emprego lá para trabalhar, mas eu estava muito ligado a isso aqui e aqui tinha muitas festas, festa de Santo Antônio e tal e eu vinha às festas todo ano. Depois eu casei. Mesmo antes de casar, todas as minhas férias eu passava aqui. No mínimo quinze dias, todo ano. Depois que eu casei, passei a trazer meus filhos para passarem as férias escolares também aqui. Então eu nunca me desliguei totalmente de Machadinha e, depois que me aposentei, vim definitivamente para cá.

F.M. – Quando o senhor veio de vez ou depois que o senhor se aposentou notou alguma diferença de alguns anos atrás para quando o senhor voltou?

C.P. – Bastante diferença. Como eu relatei antes a respeito da televisão, com o passar dos anos, o povo se modificou bastante. Eu posso dizer que eu conheci aqui umas três gerações: a minha propriamente dita, a anterior a minha e a posterior. Essas gerações são diferentes da de agora.

F.M. – O senhor pode nos relatar quais são essas diferenças de quando o senhor voltou?

C.P. – O próprio comportamento, o modo de pensar do pessoal. Eu achava que nas gerações antigas, anteriores a minha, o pessoal era mais inteligente, conversava de uma forma completamente diferente, o povo não se dedicava à gíria, só se falava nos exemplos que eles viviam, falavam-se coisas boas, contavam história e diziam muitas frases que chamavam a atenção, algumas delas eu marquei para o resto da minha vida, completamente diferente. Hoje não se escuta nada que presta aí na rua. Há pessoas, há grupos aí que conversam e você não entende nada, aquele montão de gíria, você tem que se adaptar ao povo para conversar com ele. Há a diferença de instrução também. Está certo que hoje o colégio está muito adiantado, o estudo está bem... principalmente depois que a Prefeitura ressurgiu aqui, que o Município se emancipou. O pessoal, ao que parece, mesmo com mais instrução, continuou com o desrespeito. A juventude de hoje não respeita os mais velhos. Eu, com quinze, dezessete anos não podia nem passar na porta de um bar. Hoje, as crianças, rapazinhos de treze, de quatorze

anos, ficam tomando cachaça, tomando cerveja. São comportamentos completamente diferentes. E os palavrões, que de uns anos para cá se tornou comum. Vinha o pessoal, na época de férias, lá do Rio de Janeiro, onde a fala era mais liberal, e eles aqui criticavam “Ô fulano mal criado, pôxa, fala muito palavrão” e agora ficou diferente. Os que vêm de lá acham que os daqui estão adiantados demais com o palavriado. São diferenças que dá para marcar.

F.M. – O senhor percebe se ainda existe alguma história sobre escravidão?

C.P. – Olha, acho que dá para perceber sim. O próprio trabalhador, e também por uma questão cultural, a pessoa não se valoriza. Há o serviço pesado. Se ele tiver que trabalhar três horas fazendo o serviço pesado ele prefere fazer a trabalhar fazendo o serviço leve durante oito horas. Isso dá para observar, já havia aqui. Eu não preciso ir muito longe. Tem dois rapazes da família da minha esposa que estavam aprendendo a ser carpinteiro e pedreiro. Mas só que o serviço deles era das sete as quatro da tarde, horário normal, ou das oito às quatro e meia, por aí assim, e eles preferiram cortar a cana e trabalhar com a enxada porque é serviço por tarefa e trabalha das cinco às nove. Então eles acham que das nove ao final seria mais útil para eles [o dia livre a partir das nove horas]. É uma questão impensada. É uma perda de tempo. Fui falar “Ô fulano, vai aprender a ser pedreiro, vai ganhar mais, é um serviço leve” “Ah, mais vou ter que ficar o dia todo” e é isso aí. É uma questão cultural isso. E outros exemplos mais. Dei esse exemplo, mas existem outros exemplos.

F.M. – Gostaria que o senhor nos relatasse quais as perspectivas que percebe para a comunidade de Machadinha?

C.P. – Percebo uma boa perspectiva, visto que os adolescentes começam a crescer indo para a escola já, diferentemente dos pais, dos seus antepassados, que não tiveram chance de estudar, e eles então terão uma visão diferente, principalmente a própria fazenda se transformando fisicamente, com as obras, casas novas, restauração das senzalas. Claro que esta população que está surgindo agora, quando se tornar adulta, sabe muito bem o que representa essas obras aqui e o que representa a fazenda para eles.

F.M. – O senhor acha que a escola irá passar a importância de Machadinha para os jovens?

C.P. – Por enquanto, a escola aqui é só até a quarta série, Ensino Fundamental, e fora daqui eles irão fazer outras séries, ensinos superiores. Mas eu acredito que daqui a uns tempos deve existir escolas mais avançadas aqui visto o avanço também social do povo, esse pessoal que

está surgindo, essa geração que está se tornando adulta, a visão vai ser diferente, e eu acredito que a melhoria vai ser bem notada.

F.M. – Qual a visão dos seus filhos para a história de Machadinha?

C.P. – Bem, eles têm uma boa visão. Depois que passam do segundo grau tem outro pensamento. Eles olham isso aqui como uma história verdadeira, um assunto que se pode dar atenção, diferentemente, como eu já disse, da geração anterior.

F.M. – Existe interesse deles em se aprofundar na história ou somente quando o senhor conversa com eles que se toca no assunto, ou seja, eles possuem interesse em perguntar?

C.P. – Tem interesse, mesmo esse que está aqui, que é diferente do outro, tem interesse, tanto é que já leu até livros, faz pesquisas, está bem interado da nossa origem.

(INTERRUPÇÃO DE FITA)

F.M. – O senhor tem conhecimento da origem da palavra Quissamã?

C.P. – Não sei ao certo, mas pelo que já ouvi Quissamã foi um índio que apareceu aí ou um selvagem qualquer e perguntaram o nome dele e ele disse que o nome dele era Quissamã, isso na época que não existia nada aqui. Já ouvi falar isso, Quissamã foi uma pessoa que apareceu aí e deu esse nome dele. A origem é mais ou menos isso assim.

F.M. – Pelo que nós pesquisamos, Quissamã era um... Quando as terras entre Macaé e Campos foram doadas pelos portugueses para os sete capitães e começaram a ser exploradas eles encontraram um negro e esse negro era descendente de Luanda. Ele era de uma localidade chamada Quissamã. Então eles definiram que essa localidade seria chamada Quissamã.

C.P. – É mais ou menos uma história parecida que ouvi falar.

F.M. – O senhor tem conhecimento de quem foi o Visconde de Araruama e o Visconde de Ururai?

C.P. – Ah, sim, principalmente o Visconde de Ururai que foi o dono daqui [pausa].

F.M. – O senhor tem conhecimento da história do cavalo de Duque de Caxias?

C.P. – O que eu ouço falar [risos].

F.M. – E o que o senhor já ouviu falar?

C.P. – Passou um tempo aqui, eles não falavam do cavalo de Duque de Caxias, falavam de um cavalo que andava aí à noite. Depois passou a se especular que podia ser Duque de Caxias que estava passando por aí [risos]. Se é verdade, a gente não sabe. Coisa de sobrenatural aí eu “tô” [risos]...

F.M. – Mas tem a história que o cavalo de Duque de Caxias estava enterrado aqui, não é isso?

C.P. – Aqui perto, mas é o cavalo que ele tinha aqui, não cavalo do Exército. Muita gente pensa, quando se fala que o cavalo de Duque de Caxias foi enterrado aqui, que é o cavalo que ele usava no Exército. Não, ele não ia trazer cavalo de lá. Ele tinha o cavalo para andar quando viesse aqui.

F.M. – Quando ele vinha visitar a filha?

C.P. – Visitar a filha [esposa do Visconde de Ururai]. Tinha um cavalo para ele. Quando esse cavalo morreu, enterraram aqui perto. Muito tempo depois, quando descobriram que era o cavalo de Caxias, que podia ser o cavalo de Duque de Caxias, porque minha avó, minha madrinha, diziam que antes vinha sempre soldado do Exército, ficava ali, e não se sabia fazendo o quê, no montinho que tem ali. Então foram chegando as conclusões, que podia ser o cavalo de Duque de Caxias. Depois os mais velhos disseram que era o cavalo de Duque de Caxias. A história é mais ou menos essa.

F.M. – Qual a visão do senhor sobre a escravidão?

C.P. – Acho que a escravidão existia na época [pausa] pelo, como se diz, uma coisa selvagem. Alguém precisava de trabalhador, uma nação que estava surgindo, para trabalhar na lavoura, então trouxeram escravos para cá como faziam nos Estados Unidos e outros países da Europa. Uma necessidade trabalhista de produção.

F.M. – O senhor tem conhecimento do que é quilombola?

C.P. – Quilombola, quilombo, eu sei como quilombo. Não tenho muito conhecimento sobre isso não. Algum lugar que pertence ao Município de Campos com o nome de Quilombo, provavelmente lá existiu. O nome do lugarzinho lá é Quilombo, uma fazendazinha lá.

F.M. – Aqui em Machadinha há ainda senzalas habitadas. O senhor tem conhecimento se existem outras?

C.P. – Acho que não. Provavelmente em Santa Francisca tem umas casinhas lá que parece foram senzalas, mas não tenho certeza não.

F.M. – Santa Francisca também é em Quissamã?

C.P. – É em Quissamã.

F.M. – Mas fora de Quissamã, no estado do Rio ou em outro estado...

C.P. – Não, não conheço não.

F.M. – Como são mantidas as tradições em Machadinha?

C.P. – As tradições estão sendo esquecidas. O que nós temos aí que legaram dos escravos é a dança, a música que ainda... O fado, havia também o tambor, o jongo, tudo isso são danças vindas da África, mas o fado tem sido bem aproveitado. Uma vez por mês nós temos o fado, há muitos convites para os músicos e dançadores, inclusive do Rio de Janeiro, para se exibirem.

F.M. – O senhor percebe se as pessoas estão preocupadas em preservar a cultura da comunidade?

C.P. – Não. O fado existe porque a Prefeitura incentiva, inclusive paga para dançar, para tocar. Antes não. Antes era coisa espontânea. O pessoal dançava porque gostava, principalmente antigamente com os descendentes mais próximos dos escravos, quase toda semana eles tocavam, dançavam.

F.M. – A preservação então está mais voltada para o trabalho da Prefeitura do que propriamente...

C.P. – Da população.

F.M. – E os jovens se preocupam na preservação dessa cultura?

C.P. – Não se preocupam. Se bem que a gente procura saber, chama, convida, mas não demonstram interesse. Há uma diferença do agora para o antigo, e o pior de tudo é que eles sabem dançar, olham e tal, se forem chamado para dançar dançam...

F.M. – Os jovens?

C.P. – Os jovens, alguns jovens. Mas não tem aquela preocupação, aquela obrigação, aquele prazer de dançar, não se interessam.

F.M. – Isso em relação às danças, quer dizer, ao fado. Mas, por exemplo, temos conhecimento da dança do boi malhadinho também...

C.P. – O boi malhadinho ainda existe, todo Carnaval, só na época do Carnaval.

F.M. – Mas existe alguma preocupação dos jovens, por exemplo, pelo menos com o boi malhadinho? Parece que são os jovens que dançam...

C.P. – Exatamente, os mais antigos não se interessam. São de uma geração, vamos dizer, de uma geração perdida, não se interessam por nada. Os filhos, talvez, possam se interessar pela cultura, à medida que vão avançando culturalmente aí podem se interessar mais tarde com essas coisas.

F.M. – Quando o senhor fala em geração perdida, o senhor considera que a sua geração é uma geração perdida?

C.P. – Pode ser até uma geração posterior a minha. Eu já estou com 70 anos, então a geração que está aí com 40, 50, 60, eu acho que essa é a geração perdida. Os jovens talvez não sejam uma geração perdida porque eles estão sendo incentivados a estudar, com o incentivo da Prefeitura, para elevar culturalmente. Pode ser que isso possa salva-los mesmo, mas essa faixa que te falei, entre 40 anos e 60, não vejo perspectiva.

F.M. – Nós falamos muito da tradição relacionada à dança, mas por exemplo, tem também a culinária de Machadinha, que é da época da escravidão é que é preservada. Voltando um pouco, agora para as mulheres, as meninas se preocupam em aprender essa culinária?

C.P. Não, não se preocupam não.

F.M. Em uma das apresentações que eu estive aqui, eu vi a culinária, o bolo de feijão, a sanema...

C.P. – Você viu que o pessoal que estava na movimentação era gente de mais idade. O jovem, se você convida para fazer arroz, “Ah mas eu não posso, tenho que fazer isso” dá uma desculpa e foge. Agora, há exceções. O pessoal que faz a sanema, o biju, são jovens,

incentivados pelos pais, que mantêm aquela tradição culinária, e essa culinária surgiu por acaso, essa culinária nova, que estamos fazendo por aí, foi até batizada de Raízes do Sabor, pelas nossas produtoras Darlene e Zezé [Maria José], foi por acaso. Zezé, trabalhando com turista, se comprometeu com um grupo de turistas de conhecer o quadro aqui, conhecer comidas típicas, e em conversa falou “Pôxa, faz uma comida típica aí” então eu comecei a fazer pesquisa, eu e minha esposa fomos fazer pesquisa com esse pessoal bem mais antigo. Consultamos pessoas com mais de 80 anos o que se comia antigamente, aí nós fomos catalogando o que se comia antes para gente fazer e acabou dando certo. Nossa comida típica, os turistas gostam muito e foi parar longe. Fizemos um fado aqui, um grupo de vinte tantos turistas saíram elogiando e elas resolveram botar o negócio para frente.

[FINAL DA FITA 1^A]

F.M. – Gostaria que o senhor informasse os pratos típicos da época da escravidão que o senhor relacionou para o trabalho Raízes do Sabor.

C.P. Comidas típicas são... tipo feijoada de peixe. O peixe mulato velho, que é o bagre salgado seco, feito no feijão ou com abóbora, é o que se comia muito antigamente. Na época devia ter pouco arroz. Nessa comida quase não entra arroz. Tem o bolo capitão, o bolo de feijão, que dava muito para criança naquele tempo. O pessoal, fora da escravidão, as famílias e as crianças, todos com fome. As mulheres esperavam os pais chegarem do trabalho com fome [para darem esse tipo de alimentação]. Tem a carne seca com pirão de leite. Quem gosta é um prato bem típico. Usava-se muito na época. Quando era criança gostava muito dessas coisas. O pastelzinho de peixe, chamado sassá, o peixe é sassá, peixe de água doce. E muitas outras, o arroz com costela de porco. Quase não se faz mais isso. O bacalhau sempre foi... naquele tempo o bacalhau era barato, mais barato que a carne. Era comum. E a Gerusa é que sabe. É mais ou menos isso.

F.M. – Gerusa é esposa do senhor?

C.P. – É. Nós aprendemos muito com meu avô. Meu avô era cozinheiro.

F.M. – Esse resgate da culinária foi por meio desse projeto Raízes do Sabor?

C.P. – O Raízes do Sabor surgiu da seguinte maneira... A Darlene, ela é bem chegada a um artesanato, faz várias coisas, e o Raízes do Sabor começou a fazer um sucessozinho, os fados

com os turistas, então o Governo do estado do Rio abriu um concurso denominado Cultura Nota 10, e ela se inscreveu.

F.M. – Raízes do Sabor é um trabalho de Quissamã?

C.P. – De Machadinha. A idéia é dessas duas, da Darlene e da Zezé, Maria José. E nos inscreveram lá nesse concurso no Rio de Janeiro, no estado.

F.M. – Cultura Nota 10?

C.P. – Cultura Nota 10. E para nossa felicidade, nós ficamos entre os dez. E nos fomos lá na final, no Teatro João Caetano, e aí ficamos conhecidos. Até que surgiu aqui, pediu para vim aqui ver, o pessoal da UNESCO. A UNESCO veio aqui, filmou, fez isso fez aquilo. Bom, aonde vai a UNESCO, a Globo vai atrás. Foi quando surgiu uma reportagem. Tivemos que fazer tudo de novo, ou seja, fizemos para a UNESCO, fizemos para a Rede Globo, fizemos aqui para a Norte Litoral, televisão aqui, e ficou conhecido e com isso ficou famoso nosso Raízes do Sabor.

F.M. – E as danças vieram depois?

C.P. – Acompanhava tudo isso. Fazia o fado para completar a tradição. Tinha o fado, no intervalo do fado, como você viu aí, o pessoal comia. Muita coisa.

F.M. – Quando teve a apresentação no João Caetano teve o fado?

C.P. – Nós não levamos o fado. Fizemos um vídeo para exhibir lá porque é impossível fazer a comida no teatro. Fizemos um vídeo fazendo a comida e apresentamos lá. E assim fizemos também para o pessoal da UNESCO, fizemos para o pessoal da Globo, em muitos outros eventos e em dias de festas. O Raízes do Sabor é um fato consumado.

F.M. – O senhor pode informar se os jovens se preocupam com a preservação de Machadinha, tanto na parte cultural como com o local?

C.P. – Não dá para perceber isso ainda não. Esses jovens agora vão depender muito dos pais. Eu já ouvi uma mulher dizer que, ao invés de restaurar, fazer obra, porque não derrubam as casas e fazem outras. Eles desconhecem o valor da senzala. Para dizer uma coisa dessas, o que o jovem vai aprender com essa mãe, com esses pais? Esse é que é o problema.

F.M. – Qual a diferença dos jovens de antigamente para os atuais?

C.P. – Olha, a diferença é um pouco grande. Os jovens de antigamente eram mais comportados, ouviam mais, agora não, agora estão vivendo a época deles. Achem que sabem tudo, não precisam de conselho, mesmo sabendo que está errado. É essa diferença de comportamento.

F.M. – Nós percebemos que estão sendo construídas casas aqui ao lado. Gostaria que o senhor nos relatasse porque a Prefeitura está construindo essas casas aqui?

C.P. – A restauração da fazenda fez com que a Prefeitura fizesse umas casas para poder mudar, trocar. As pessoas mudam para essas casas e voltam depois da restauração. O número de casas que estão fazendo não é o mesmo de casas existentes, então vai se revezando, vai uma família, volta, depois vai outra, volta, e depois das obras as casas vão ser aproveitadas para outras pessoas que moram juntas com seus familiares. Tem famílias que moram duas em uma casa só, tem umas que vão para lá [para as casa que foram construídas]. Outros querem voltar, porque a fazenda ficando famosa, mesmo pessoas que foram para o Rio há mais de 50 anos querem voltar para cá [utilizaria-se as casas construídas pela prefeitura para acomodar essas pessoas]. Com essa fama é um problema.

F.M. – A Prefeitura então vai tirar as famílias das senzalas, alojar nas casas ...

C.P. – Colocar nas casas para restaurar.

F.M. - Vão restaurar e vão manter o mesmo aspecto...

C.P. – Vão manter aspecto.

F.M. – Finalizando nossa entrevista, senhor Carlos, vou fazer algumas perguntas, primeiro se existe algum projeto da Prefeitura aqui para Machadinha?

C.P.- Existe sim. Existe para formar aqui um pólo turístico. Existe uma perspectiva de muitas visitas depois de restauradas [as senzalas] e se houver realmente esse fluxo de turista aqui, no futuro vão fazer restaurante, por exemplo, coisas que possam receber esse pessoal, para servir as comidas típicas. De um modo geral é um pólo turístico. A perspectiva é essa.

F.M. – Esse projeto que o senhor fala é mais voltado para o lado social, cultural ou para os dois?

C.P. – Para os dois. O social, porque aumentaria a renda da população. Quem tiver coisa para vender, esse pessoal que produz para vender, então aumenta a renda.

F.M. – O senhor acha que com esses projetos os jovens vão se...

C.P. – Se interessar. Pode ser que os jovens se interessem. Havendo frutos, o pessoal se anima.

F.M. – O senhor tem idéia em quê a Prefeitura irá utilizar o casarão depois que essas obras forem encerradas?

C.P. – Dizem que o casarão será transformado em museu, talvez com creche, não sei. Mas pelo que eu conheci da casa grande ali, eu acho meio difícil essa obra aí. É uma obra bem grande, é uma coisa astronômica, parecia um palácio. Já caiu tanta coisa, pelo pouco que tem ali acho difícil a recuperação. Pode ser. Vai se gastar muito dinheiro para ficar igual.

F.M. – Senhor Carlos, eu queria então agradecer o senhor pela entrevista que nós tivemos, essa primeira entrevista, esse primeiro contato. Queria deixar aberto para se o senhor quiser relatar alguma coisa nesse primeiro momento, o senhor pode falar aqui. Fique à vontade.

C.P. – Para a próxima oportunidade, o que eu lembrar vou guardar, vou escrever o que não foi dito e aí completa.

[FINAL DA ENTREVISTA]

ANEXO 3 – Entrevista do senhor Erotilde Azevedo

Entrevista com o Sr. Erotilde Azevedo, mais conhecido na comunidade como Sr. Tide, realizada por Fábio da Silva Machado, em Machadinha, na cidade de Quissamã, no estado do Rio de Janeiro, no dia 5 de agosto de 2004, das 11h às 12h20. A entrevista foi concedida na Capela Nossa Senhora do Patrocínio.

F.M. – Qual seu nome completo?

E.A. – Erotilde Azevedo.

F.M. – Quando e onde o senhor nasceu?

E.A. – Em Machadinha, em 24 de novembro de 1923.

F.M. – Qual o nome dos seus pais?

E.A. – Antônio José Azevedo e Idalina de Azevedo

F.M. – Os avós do senhor eram descendentes de escravos?

E.A. – Bom, meus avós eram descendentes de escravos, agora já meu pai e mãe não eram.

F.M. – E os avós do senhor tinham alguma ligação com os senhores da Casa Grande?

E.A. – Sim, eles tinham ligação com esse pessoal, os antigos do casarão, então eles falavam que o pessoal batia nos escravos, judiavam dos escravos, e sempre minha bisavó contava que eles eram os maiores da comunidade e mandavam bater nos escravos, mandavam prender dentro do [silêncio]. Como é que se chama... no porão. Prendiam os escravos dentro do porão.

F.M. – O senhor é casado?

E.A. – Sou casado, era casado. Minha esposa faleceu no dia 12 de maio [INTERRUPÇÃO DE FITA]*

* Por solicitação do entrevistado para, através de cálculo, recordar a data de falecimento da esposa.

E.A. – Ela faleceu em 1994.

F.M. – O senhor possui filhos?

E.A. – Tenho. Vivo eu tenho dez.

F.M. – Dez filhos?

E.A. – Dez filhos, cinco homens e cinco mulheres.

F.M. – E eles moram aqui em Machadinha?

E.A. – Tem um casal que mora na cidade. Aqui em Machadinha moram..., tem três que moram aqui em Machadinha.

F.M. - E os outros?

E.A. – Os outros. Um casal mora no Rio, um casal mora aqui na cidade, e tem três mortos, tem três filhos mortos.

F.M. – O senhor chegou a estudar quando era jovem?

E.A. – Cheguei. Estudei, mas estudei pouco porque logo meu pai e minha mãe me colocaram para trabalhar, então não pude estudar mais.

F.M. – O senhor lembra até quando estudou?

E.A. – A série que eu estudei? Eu saí na 1^a A.

F.M. – O senhor ainda vota?

E.A. – Voto, mas agora não tenho idade mais para votar. Estou com 80 anos.

F.M. – O senhor é o mais antigo da comunidade Machadinha?

E.A. – É provável que sou o mais antigo que tem aqui em Machadinha.

F.M. – O que o senhor acha da televisão, qual a influência dela em Machadinha?

E.A. – Acho que foi uma grande coisa a televisão, mas só que as pessoas aprendem coisas boas e também aprende alguma coisa que não é boa.

F.M. – Eles vêm na televisão, aprendem e acham que aquilo é certo?

E.A. – É, que aquilo é uma coisa certa, mas não é certo.

F.M. – E essa influência da televisão nos jovens é muito grande?

E.A. – Creio que sim. Os jovens de hoje em dia aprendem muitas coisas boas também.

F.M. – O senhor saberia me relatar qual foi a origem aqui da comunidade, como ela foi formada, como é que Machadinha se formou?

E.A. – Machadinha se criou com o povo de antigamente, bem diferente do povo de agora. O povo agora tem mais instrução que o povo de antigamente.

F.M. – Mas Machadinha se criou desde os descendentes de escravos e isso continuou...

E.A. – Depois dos escravos continuou. Aqui em Machadinha, depois dos escravos, a fazenda que era feita pelo povo mesmo do lugar, tinha moradia...

F.M. – O senhor sabe me relatar quantos moradores existem atualmente em Machadinha?

E.A. – De momento não. Acredito em uns cento e pouco, entre adultos e...

F.M. – Número de famílias o senhor não tem idéia?

E.A. – O número de família não tenho.

F.M. – O senhor sabe me informar como a história da escravidão era passada para o senhor pelos seus avós, pelos seus próprios pais?

E.A. – Meus pais não falavam em escravidão não, quem me falava mais era minha bisavó. Ela falava que o pessoal aqui castigava com o pessoal do tempo dos escravos. Ela acompanhou como os escravos eram, como não eram, como viviam, como não viviam. Ela sempre contava que, muitas vezes, botava a panela dela no fogo para cozinhar o feijão. O fogão era no chão. Ali botava carne seca, toicinho, e era só aquilo. Não tinha arroz.

F.M. – E o fogão era no chão?

E.A. – No chão mesmo. A panela, assim, quatro tijolos, apanhava quatro tijolos, vinha com a chapa de ferro, botava ali em cima e colocava as panelas. Pegava a lenha no mato para poder fazer o almoço, a janta.

F.M. – A sua bisavó chegou a ser escrava?

E.A. – Minha bisavó era. Eu conheci minha bisavó já bem velhinha, cabelo todo enroladinho. Quando estava em cima da cama, quase morrendo, mandava o pessoal cantar a moda de jongo que antigamente tinha aqui. Era tambor, não é? Uns tratavam jongo, outros tratavam tambor. O pessoal começava batendo e ela, mesmo em cima da cama, fazia o movimento com o corpo.

F.M. – O tambor era uma dança que tinha aqui, não é? Outros chamavam de jongo também?

E.A. – Jongo.

F.M. – Se não me falha a memória, era uma dança onde as pessoas ficavam rimando, começavam a cantar e fazendo versos...

E.A. – Começavam a cantar, dançava com um porretinho, pegava o porretinho e o pessoal ficava naquela roda toda em volta. Aí ela saía com aquele porretinho, rodando o porretinho para poder abrir a roda para eles poderem sambar. Todo mundo no porretinho.

F.M. – E essa era uma dança da época dos escravos?

E.A. – Dos escravos. Essa era dos escravos mesmo.

F.M. – O senhor ainda percebe alguma história da escravidão em Machadinha?

E.A. – Não senhor, não percebo.

F.M. – O senhor sempre viveu na comunidade de Machadinha?

E.A. – Sempre vivi na comunidade de Machadinha.

F.M. – Há oitenta anos o senhor vive aqui?

E.A. – É, mas tem muita coisa que eu não me lembro mais, de muita coisa que, que ela contava, minha bisavó contava dos escravos, mas muitas coisas já saíram da memória.

F.M. – Mas o senhor lembra que ela falava que eles eram muito castigados?

E.A. – É, castigavam muito os escravos.

F.M. – E o senhor, por acaso, recorda por que eles castigavam ou algum motivo específico, se era por não fazer alguma tarefa, se era por tentar fugir ou alguma coisa assim. Ela falava alguma coisa?

E.A. – Falava que era às vezes porque a pessoa não queria trabalhar, não queria ir para a roça trabalhar, aí eles pegavam, mandavam pegar a pessoa e meter no tronco e dali do tronco eles batiam. Quando acabava de bater, botavam debaixo do porão. E ela começou a contar que eles judiavam mesmo com os escravos. Apanhavam aquele galho de urtiga, mandavam passar no corpo das pessoas e daí mandavam chamar outra pessoa [escravo] para bater naquele outro escravo que estava no tronco amarrado.

F.M. – Chamavam outros escravos para bater?

E.A. – Outros escravos para baterem no que estava no tronco, aí soltavam aquele, mandavam prender no porão, e já pegava outro também que, às vezes, fazia umas coisas que não devia fazer, metiam no tronco e mandavam outro bater. Aí metiam no tronco.

F.M. – O porão era onde?

E.A. – Lá naquele casarão.

F.M. – O senhor percebe se na comunidade existe alguma perspectiva positiva ou negativa?

E.A. – Tem coisa negativa e tem coisa positiva. Positiva é que nós estamos alcançando muita coisa aqui que não tinha aqui no tempo dos escravos. E tem o negativo também, tem muitas coisas também que não tinham no tempo dos escravos.

F.M. – Que coisas? O senhor saberia me dizer?

E.A. – O negativo é que tinha muita gente que não respeitava o pessoal mais antigo. Isso já era uma coisa negativa que não era de conveniência, não estava no viver de coisa positiva, era negativa.

F.M. - Então o senhor acha que agora as pessoas estão mais...

E.A. – Estão mais sabidas, estão mais inteligentes para certas coisas...

F.M. – Respeitam mais também ou não?

E.A. – Hoje em dia eu acho que não tem muito respeito. Antigamente era mais respeitado, mas agora eu acho que as pessoas não tem o dom de respeitar as pessoas mais velhas. Tudo para eles é uma coisa só.

F.M. - O senhor tem alguns filhos que moram aqui em Machadinha, três filhos. São solteiros?

E.A. - Tem um que é solteiro e é até doente. Mora na minha casa comigo, e uma filha e um neto e tem uma cunhada.

F.M. - Todos moram com o senhor?

E.A. - Sim senhor, moram todos comigo.

F.M. - O senhor tem um filho doente, uma filha, e tem outro filho também que mora aqui?

E.A. - Não senhor, essa outra mora na cidade.

F.M. - Aqui o senhor tem dois então?

E.A. - Que moram comigo são dois filhos, um casal. Esse que é doente, e uma filha.

F.M. - Mas aqui em Machadinha mora outro, não?

E.A. - Tem um filho que mora aqui também.

F.M. - Esse filho é casado?

E.A. - É casado.

F.M. - E esses que não moram em Machadinha, moram no Rio ou...

E.A. - Macaé.

F.M. - Mora em Macaé também?

E.A. - Tem uma que mora em Macaé.

F.M. - Por que eles não moram aqui?

E.A. - Porque eles saíram para trabalhar em Macaé, no Rio, aí gostaram, arrumaram um namoro, casaram por lá e moram por lá mesmo. E lá tem um casal, no Rio e tem aqui em Macaé, tem uma filha. Foi trabalhar em Macaé, chegou lá, namorou um rapaz e conseguiu casar com o rapaz, e ela tem três filhinhos.

F.M. - Eles vêm constantemente aqui?

E.A. – Esse de Macaé vem sempre, às vezes de vinte em vinte dias, um mês. Agora, esse do Rio tem um filho que só veio aqui quando a mãe dele faleceu. Tem outra filha lá que só vem de dois em dois anos.

F.M. – Como seus filhos vêem a história de Machadinha, a importância de Machadinha?

E.A. – Eles estão gostando, quando eles vêm aqui gostam, estão querendo vir aqui para Machadinha.

F.M. – Estão querendo vir para cá?

E.A. – É. Tem a filha que mora no Rio, uma que mora em Macaé, que estão achando que está evoluindo muito.

F.M. – Mas eles têm vontade de vir para cá pela evolução de Machadinha?

E.A. – Vir para Machadinha mesmo para morar, mas elas não vêm porque o esposo não tem um emprego, um trabalho para eles aqui. Também não tem muita casa para eles virem para morar. A minha casa não dá para os filhos todos.

F.M. – Mas eles conhecem a história de Machadinha, o que representa o casarão e as senzalas, o que acontecia no passado?

E.A. – Eles de agora não têm conhecimento, porque quando saíram daqui, saíram tudo pequeno. Quando eles vêm aqui, passam uma semana. A [filha] de Macaé leva em um dia, no segundo dia vai embora e não tem grande conhecimento conforme Machadinha era e está sendo agora.

F.M. – O senhor tem conhecimento da origem da palavra Quissamã?

E.A. – Eu, desde quando me entendia, sabia que era Quissamã. E a origem mesmo, o porque que se chama Quissamã, eu não sei lhe informar.

F.M. – O senhor tem conhecimento das terras de Quissamã foram doadas para os sete capitães que prestaram serviços para a coroa portuguesa?

E.A. – Não, esse eu não tenho.

F.M. – Esses capitães ganharam essas terras pelos serviços prestados para a coroa de Portugal. Quando eles começaram a explorar as terras, encontraram um negro no meio da mata e esse

negro era descendente de um país africano e o local onde ele morava chamava-se Quissamã. Eles aproveitaram esse nome, de onde esse negro veio, e colocaram aqui. Isso há muito tempo.

E.A. – Aqui no casarão, cortando o que você vai dizer, tinha, assim, do jeito de um boneco, uma pedra, uma coisa muito bonita, uns bonecos, e no pé deles estava escrito “de Portugal”, que veio de Portugal, era tudo no casarão, quer dizer, o casarão caiu, ainda teve duas que ainda apanhamos, guardamos, mas vieram na casa, apanharam e levaram para a usina. Agora, da usina para lá é que eu não sei para onde levaram. Mas era de Portugal.

F.M. – Provavelmente, ou foi doado pelo pessoal de Portugal ou...

E.A. – Eu sei que quando eu entendi ela já estava lá em cima, no canto das paredes, de um lado e de outro. Eram quatro, duas para o fundo e duas na frente.

F.M. – O senhor já ouviu falar no Visconde de Araruama?

E.A. – Ouvi falar sim, não cheguei a conhecer ele não [risos]. Mas ouvia falar no Visconde.

F.M. – E o Visconde de Ururai?

E.A. – Aquele era o Visconde daqui da fazenda de Machadinha.

F.M. – O senhor tem conhecimento da história do cavalo de Duque de Caxias?

E.A. – O pessoal antigo andou falando que tinha esse cavalo de Caxias. Disseram que quando ele morreu foi até enterrado aqui em Machadinha.

F.M. – Mas existe alguma lenda que ele andava por aí ou alguma coisa assim?

E.A. – Andava que, muitas vezes o pessoal dizia assim: “Chegou o cavaleiro aqui na janela”. Aí tinha o cavalo bufando, a espora tinindo, o freio, quando a pessoa mexe no freio, batendo. O cavalo chegava na janela, bofava, o cavalo vinha correndo, daqui a pouco chegava de frente à janela da pessoa, dava aquela esbarrada. Teve muitos que chegaram a ver. E isso eu acredito que é verdade mesmo, que via esse cavalo, passava aqui na rua, vinha carro, dizem que era carro, automóvel, vinha aqui na reta, tinha uma cancela para entrar na fazenda, então da cancela para cá vinha aquele farol, o pessoal dizia assim “Vem o carro, vem o carro aí”, o pessoal antigo, “Vem o carro aí, e aquilo é esses escravos que morreram que vêm aí de carro”. Vinha e, quando chegava aqui para subir, o farol apagava, o pessoal ficava esperando para ver se o farol passava, não passava. Daqui a pouco o farol acendia ali, para entrar mesmo na

fazenda, tinha uma entrada para entrar por uma mangueira que tem lá para dentro, “o farol vai lá para a mangueira”, o pessoal aqui, “vai para a mangueira”, chegava daqui a pouco, o farol apagava, apagava e “vamos ver para onde ele vai agora”, e passava, passava. Daqui a pouco o farol vinha novamente, chegava a clarear tudo aqui na fazenda, vinha até no baixo ali, e o pessoal pensava que era carro. E saía da estrada para ver o carro passar. Tudo apagado e passava.

F.M. – O senhor chegou a ver esse farol?

E.A. – Cheguei a ver também. Tem muito tempo. Eu era garotinho ainda.

F.M. – Qual a visão do senhor sobre a escravidão? Quando fala sobre escravidão o que o senhor pensa?

E.A. – Eu acho que a escravidão era uma peça que as pessoas judiavam, mandavam as pessoas fazerem uma coisa e prejudicavam aquelas pessoas, faziam as pessoas de escravos, mandavam fazer, trabalhavam até tarde por conta só da comida.

F.M. – O senhor acha que quando acabou a escravidão houve uma boa relação entre o pessoal da casa grande, o casarão, com os escravos?

E.A. – Bom, quando teve a libertação a relação deles mudou, passaram a reconhecer melhor o pessoal.

[FINAL DA FITA 1^A]

F.M. – O senhor sabe o que é quilombola?

E.A. – Não senhor.

F.M. – O senhor sabe se existe outro local que possui senzalas? Aqui em Machadinha as senzalas ainda são habitadas, o senhor sabe se existe outro local com senzalas habitadas como aqui?

E.A. – Senzala assim não, tem o casarão como lá em Mandiquera, tem lá em Conde, fizeram uns casarões lá no morro do Pilar, uns casarões também do tipo dessa do casarão daqui.

F.M. – Mas que alguém tenha dito que existe senzalas em outro local nunca aconteceu?

E.A. – Ninguém nunca falou.

F.M. – Como as tradições da época da escravidão são mantidas em Machadinha?

E.A. – Mantidas como?

F.M. – Por exemplo, o fado ainda acontece e é uma forma de manter a tradição, já que o fado é uma dança da época dos escravos. O que mais existe para que as tradições não caiam no esquecimento?

E.A. – É o pessoal continuar, o povo continuar mantendo o fado e esta outra dança dos escravos. O pessoal até agora não está se deixando levar mais por ela, que é o jongo. O jongo, que era dos escravos, agora estão se levando muito, deixando se levar por negócio de baile, forró, aquele samba e muitas coisas assim. De escravos não tem mais.

F.M. – Às vezes tem a dança do boi malhadinho, não é?

E.A. – É, tem também uma música que é do malhadinho, que agora nós fizemos aqui um boi malhadino para descer lá em Quissamã. Já andaram pedindo, eu cantei uma música lá que era do boi malhadinho, eles ainda gostaram da música.

F.M. – O senhor cantou?

E.A. – Eu não, eu não sou cantor, mas eu cantei essa tal música e eles gostaram e levaram para cantar no dia que o boi saiu lá para a cidade.

F.M. – O senhor percebe se as pessoas estão preocupadas em preservar essa cultura?

E.A. – Não estão preocupados. Tem uns que estão preocupados com essa cultura daqui porque estão achando que eles querem mexer com o pessoal de Machadinha, para tirar daqui desse local de Machadinha para outros cantos.

F.M. – Para fazer apresentações...

E.A. – Fazer apresentações lá para a cidade, outros cantos, então o pessoal fica preocupado.

F.M. – Preocupado porquê, senhor Tide?

E.A. – Porque ficam com medo de tirarem para fazer apresentações fora e depois arrumarem uns cantos, umas casas por fora e tirarem eles daqui da comunidade.

F.M. – Estão com medo de sair daqui da comunidade nestas apresentações?

E.A. – Fica assim meio com medo.

F.M. – Senhor Tide, então as pessoas estão com medo de sair para fazer apresentações e que a Prefeitura se interesse nessas apresentações e faça com eles morem em outros lugares e assim eles percam esse convívio, essa ligação com Machadinha? Seria isso então?

E.A. – Perfeito.

F.M. – Qual a participação do senhor nestas manifestações culturais?

E.A. – Eu participo..., vou lá, do fado eu não danço, mas gosto de participar, gosto de acompanhar, ver como é que é, como estão dançando, como não estão, e do jongo, o jongo agora o pessoal nem está dançando ele. Que tem o jongo também que é com tambor, com dois tambores grandes que é fundo e eles ficam sentados e ali batendo e eles agora não estão mais participando nele. Só me lembro do fado.

F.M. – O senhor acha que os jovens se preocupam com a preservação da tradição de Machadinha?

E.A. – Uns sim, já outros não. Tem uns que não se preocupam com nada. Tem outros que se preocupam.

F.M. – O senhor percebe a participação dos jovens na preservação de Machadinha, preservação no sentido de estilo de viver, das senzalas, o senhor percebe isso?

E.A. – Noto que eles têm vontade de ver como ficará isso, as senzalas, esse casarão, eles tem vontade de ver.

F.M. – Qual a diferença dos jovens de antigamente para os atuais?

E.A. – A diferença que o jovem de agora não respeita a idade e antigamente era mais respeitado, respeitava muito mais.

F.M. – Respeitavam os mais velhos...

E.A. – É. Até os mais novos respeitavam mais um ao outro.

F.M. – Entendi. Na sua infância respeitava até um amigo da mesma idade.

E.A. – Respeitava. Até hoje respeito tanto os mais velhos como os mais novos.

F.M. – Senhor Tide, teve uma apresentação do projeto Raízes do Sabor e Machadinha também foi divulgada, a parte toda cultural. O senhor sabe como foi isso, esse projeto Raízes do Sabor, onde teve apresentação, depois no Rio, naquele concurso Cultura Nota 10?

E.A. – De momento, não sei como é que foi que aconteceu.

F.M. – Em relação a essas casas que estão sendo construídas, como o senhor vê isso?

E.A. – Eu vejo que isso é uma grande coisa que a Prefeitura está fazendo para a comunidade de Machadinha e espero que ela faça muito mais ainda do que está fazendo. Eu estou muito contente e satisfeito com essas casas que estão fazendo.

F.M. – Bom, senhor Tide, eu já estou encerrando e vou fazer umas últimas perguntas. O senhor tem conhecimento de algum projeto da Prefeitura para Machadinha, projeto tanto social como cultural?

E.A. – Projeto... eu tenho esperança deles fazerem projeto, tenho uma grande esperança, tanto faz cultural como social.

F.M. – E o senhor tem conhecimento se já existe algum?

E.A. – Projeto social tem um [silêncio].

F.M. – Este projeto que está sendo feito aqui é para tirar as pessoas das senzalas enquanto...

E.A. – Este projeto, quando terminarem essas casinhas que estão fazendo aqui, eles vão tirar os moradores destas casas onde nós moramos para botar nestas que eles estão fazendo, e depois, quando terminar, cada um retorna para sua casa para eles poderem terminar de fazer os outros.

F.M. – E o senhor vai querer voltar para a casa do senhor ou prefere ficar aqui?

E.A. – Vou querer voltar para a minha casa, porque eu nasci nela, estou muito acostumado nela...

F.M. – O senhor sempre morou nela?

E. A. – Morei em uma casa nesta rua, um tempo nessa rua de cá, mas depois voltei. Quando minha avó morreu, eu mudei de lá desse ruamento daqui para o ruamento de cá, onde que eu estou. Eu gosto muito dali.

F.M. – E o sustento do senhor foi basicamente do trabalho na horta?

E.A. – Na horta, trabalhava na horta, trabalhei de copeiro ali naquele casarão.

F.M. – Quando o casarão era de quem?

E.A. – O dono mesmo era a usina. Depois que a usina apanhou, eu passei a trabalhar de copeiro.

F.M. – Mas tinha gente morando?

E.A. – Tinha gente que morava no casarão.

F.M. – Era o dono da usina?

E.A. – Não senhor, era empregado da usina. Eles não tinham casa para morar, era uma pessoa de melhor grau do que a gente, eles botaram para morar lá, para conservar a casa. O casarão foi mantido sempre bonito, conservado, mas depois que passou a ninguém morar é que foi dando abandono e ficou nas condições que todo mundo vê.

F.M. – Isso há quanto tempo mais ou menos?

E.A. – Uns 60, 50 anos.

F.M. – A Prefeitura, nesse trabalho que ela está fazendo aqui, teve que mexer na horta do senhor?

E.A. – Mexeu, acabou com a minha horta e era a coisa que eu mais gostava. Depois que eu deixei de ser copeiro, que os administradores foram embora, eu passei a viver cá na horta e fazia uma horta muito boazinha aqui. Atrás do posto de saúde, e acabou com a minha hortazinha. Eu prosperava deles fazerem outra para mim, uma coisinha para me entreter, aquele negócio de ficar parado, estou com oitenta anos, mas graças a Deus gosto de ter uma coisinha para fazer.

F.M. – Mas eles ofereceram outro espaço para o senhor?

E.A. – Falaram que vão fazer outra horta para mim lá na ponta, mas este projeto ficou parado [risos].

F.M. – Bom, senhor Tide, acho que esta primeira etapa de entrevista nós podemos encerrar por aqui, e eu queria saber se o senhor gostaria de falar mais alguma coisa neste momento e agradecer pelo tempo que o senhor esteve a disposição.

E.A. – O que eu tenho a agradecer é... o que eu tenho que falar é que eu tenho que agradecer o senhor, do grande prazer de estar aqui com o senhor, conversando com o senhor, eu dizendo algumas palavras. Se não tiver tudo o senhor queira me desculpar. Acho que o que eu tenho para falar é isso.

[FINAL DA ENTREVISTA]

